

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**QUAL A FACE DO MAL? AS CONCEPÇÕES SOBRE O DIABO NA  
HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA**

**RAFAEL GOMES DOS SANTOS**

**São Cristóvão**

**2018**

# **QUAL A FACE DO MAL? AS CONCEPÇÕES SOBRE O DIABO NA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA**

**RAFAEL GOMES DOS SANTOS**

**Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Departamento de  
História da Universidade Federal  
de Sergipe para a obtenção do  
título de licenciado em História.**

**Orientador:**

**Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro**

**São Cristóvão**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois a ele devo minha existência e todas as minhas conquistas. Em momentos de desânimo e de tristeza, o Senhor esteve comigo. E nos momentos de felicidade, pude sentir sua presença. Agradeço-Te por tudo.

A meu orientador, professor Bruno, dedico esta monografia, pois sem ele eu nada teria feito. Você foi crucial em todos os momentos, abdicando dos seus finais de semana corrigindo meus textos, dispondo o seu tempo para nossos encontros e sendo paciente em momentos difíceis de minha caminhada. Agradeço-lhe pela paciência, educação, sabedoria, zelo e empatia com que me tratou, demonstrando não somente o grande profissional que é, mas, muito além disso, a fantástica pessoa que existe por trás do professor. Você é o meu paradigma profissional, uma demonstração prática de que para trabalhar na educação é preciso mais do que currículo, é necessário coração.

Mãe, obrigado pelo amor, generosidade e carinho que sempre encontrei na senhora. Você é uma lutadora, desde criança tenho que sobreviver em meio a tantas adversidades; quando adulta, sendo mãe jovem e tendo que estudar e trabalhar. Tudo o que sou hoje devo à senhora, aos seus ensinamentos, às suas broncas, ao seu esforço em me fazer vencer na vida. Sei que a senhora abdicou boa parte de sua vida pelos seus filhos, e para isso não existe pagamento, somente posso lhe oferecer o meu amor eterno.

Ao meu pai, um verdadeiro trabalhador e lutador na vida, devo todo reconhecimento. Cresceu na roça, não teve estudo, viveu somente para ajudar seu pai, sua mãe e seus irmãos. A chegada da vida adulta nada mudou, continuou dedicado ao trabalho, desta vez voltado para os filhos e a esposa. Nunca nos deixou nada faltar, sua única exigência era que estudássemos, numa clara tentativa de que não repetíssemos seus erros. E assim se fez, estudei e agora estou superando uma nova etapa da minha vida. Com certeza, sem o senhor, o meu caminho teria sido outro.

Agradeço à minha namorada, Viviane, por estar sempre ao meu lado, pela fidelidade e pelo o amor com que me trata. Em troca dos meus estresses, você me ofereceu carinho, em troca de sua generosidade só posso lhe oferecer minha gratidão. Foi em você que pude encontrar um pouco de alívio para momentos difíceis que pareciam insuperáveis. Tu me provaste o contrário, com seu simples, mas esplendorosamente forte senso de luta. Com você espero viver muitas felicidades, e mesmo que as dificuldades venham, de uma coisa tenho certeza, encontrei uma pessoa em que posso depositar minha confiança, meu apreço e o meu amor.

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”.

**Marc Bloch**

## RESUMO

GOMES, Rafael. **QUAL A FACE DO MAL? OS CONCEITOS SOBRE O DIABO NA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA**. Sergipe, 2018. Monografia. – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História (DHI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe, 2018.

Este trabalho teve como objetivo central analisar as diferentes concepções da historiografia acerca do Diabo. Para isso, optamos por realizar um estudo por tendências historiográficas, tendo com referências regionais a França, os Estados Unidos e o Brasil, representados, respectivamente, por Alain Boureau, Jeffrey Burton Russell e Carlos Roberto Nogueira. Nesse sentido, reconhecemos, por parte desses pesquisadores, três modos diferentes de conceber a História: a partir dos *Conceitos*, a partir do *Imaginário* e a partir do *Intelecto*. Cada um desses sistemas interpretativos forneceu diversas contribuições para o campo dos estudos sobre o cristianismo e, mais especificamente, sobre o Mal. Além disso, podemos estabelecer a Idade Média como o período fundamental sobre o qual esses trabalhos irão se debruçar. É nesse tempo que Lúcifer e seu exército irá tomar forma e adentrar de modo muito intenso na alma e no coração da sociedade cristã. Por fim, acreditamos que todo esse estudo nos serve como resposta não somente para o passado, mas, para além disso, para compreensão da organização social, cultural e religiosa do nosso presente imediato, pois, mesmo para os não cristãos, foi a partir dos princípios desta fé que nos construímos enquanto sociedade ocidental.

**Palavras-chave:** Diabo; Historiografia; Cristianismo; Mal.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
 <b>CAPÍTULO I – A PERSONIFICAÇÃO DO MAL.....</b>	<b>11</b>
1.1. RUSSEL E SEU LÚCIFER MEDIEVAL .....	12
1.2. UM ESTUDO DOS CONCEITOS .....	14
1.3. A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DO DIABO .....	19
1.4. O MAL POR TRÁS DA CRIATURA .....	23
 <b>CAPÍTULO II – O SINCRÉTICO PRÍNCIPE DO MAL.....</b>	<b>26</b>
2.1. O DIABO DE CARLOS NOGUEIRA .....	28
2.2. O DIABO E O IMAGINÁRIO .....	30
2.3. A CONSTRUÇÃO DO DIABO .....	33
2.4. OS RASTROS DO DEMÔNIO .....	40
 <b>CAPÍTULO III – O NASCIMENTO DA IRRACIONALIDADE CRISTÃ.....</b>	<b>43</b>
3.1. O SATÃ DE BOUREAU .....	44
3.2. UMA HISTÓRIA INTELECTUAL ANTROPOLÓGICA .....	45
3.3. A VIRADA DEMONOLÓGICA DOS SÉCULOS XIII E XIV .....	49
3.4. UM ESTUDO DEMONOLÓGICO?.....	54
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>57</b>
 <b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa de monografia de final de curso de licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe, nos propomos fazer um estudo historiográfico, no sentido de delinear as principais concepções sobre a imagem do Diabo. Esta, por sua vez, construída no ocidente medieval e cristalizada, posteriormente, na mentalidade da civilização ocidental.

A escolha do Lúcifer como objeto de estudo foi fácil, justamente pelo fato de que a sua representação é talvez uma das mais enraizadas e difundidas da era contemporânea,<sup>1</sup> principalmente em países como o Brasil, onde a fé cristã é amplamente dominante em relação às outras. Dessa forma, o imaginário construído acerca da personificação satânica é inerente ao dia a dia das pessoas, é espalhado por meio de conversas informais, de filmes, de jornais, de livros e de tantos outros meios.

Isso gera uma variedade grande de concepções e percepções que estão mais ou menos entrelaçadas, mas que possuem em si uma ambiguidade notável. Portanto, entender a criação e formação do Diabo é, antes de tudo, uma busca real pela compreensão do presente. Assim, esta pesquisa tem a pretensão de fomentar o debate em torno das representações, conceitos e imagens religiosas e suas influências no meio social, se trata de entender como nos organizamos culturalmente e mentalmente.

Nesse sentido, o período medieval é sem dúvida o momento de estabelecimento da fé católica como religião principal e dominante do ocidente. Por conseguinte, é nesse período que os símbolos e ideários cristãos são expostos e enraizados na cultura de todo corpo social, inclusive a figura diabólica. Seja pela força da dominância e exercício de poder, seja por aspectos religiosos, ou até mesmo por necessidade social ou cultural, foi no medievo que se construiu Lúcifer.

Além disso, o estudo deste tema trará à luz do conhecimento questões importantes relativas ao período, tal como as relações sociais e de poder, as interações religiosas, aspectos da formação do imaginário e da cultura social. Partindo do princípio de não podermos conceber a sociedade feudal sem a religião católica, é indispensável o estudo dos aspectos que norteavam os princípios e ideário cristão, no sentido de estabelecer um conhecimento cada vez mais amplo, ratificando a sempre difícil tarefa de apagar da história a ideia de Idade Média sombria, em vez

---

<sup>1</sup> Assim como em outros tempos históricos.

de uma outra muito mais complexa e inventiva.

Portanto, diferentemente do que a historiografia do século XVIII e XIX propagava,<sup>2</sup> o período medieval é atualmente caracterizado como o “laboratório da sociedade moderna e contemporânea”, essa mudança de perspectiva se deu principalmente após o estabelecimento da “Nova História”.<sup>3</sup> É na Idade Média – principalmente na época que se convencionou chamar de Idade Média Central (Séculos XI-XIII) – que se produzem criações, transformações, inovações – econômicas, sociais, artísticas, políticas – que serão basilares para a formação do mundo ocidental pós-medieval.

Neste sentido, pode-se dizer que a igreja católica, principal instituição medieval e detentora por da ampla maioria dos conhecimentos produzidos, “representante” de Deus na terra e por isto a mais poderosa organização daquela época, teve papel fundamental na elaboração e disseminação das ideias, imagens e mentalidade do período, tanto na esfera política como na esfera social, cultural e material.<sup>4</sup> Não obstante a isso, o paganismo e a reinterpretação dos dogmas religiosos foram práticas comuns no cotidiano popular, enraizadas na psicologia coletiva.<sup>5</sup>

Mesmo assim, a civilização do ocidente medieval era, antes de tudo, uma sociedade cristã, onde ensinamentos e princípios cristãos estavam presentes no cotidiano e no imaginário das pessoas, sobretudo a ideia de Bem e Mal, neste caso, o antagonismo entre céu e inferno, entre Deus e o Diabo. Mesmo que o segundo dependesse do primeiro para existir. O perigo escatológico, presente nas escrituras cristãs,<sup>6</sup> fez parte da vida concreta feudal, produzindo uma sociedade deveras preocupada com a salvação ou perdição da alma, e daí a necessidade de um terceiro lugar, onde os pecados fossem purgados, o purgatório,<sup>7</sup> e também de legitimação de uma instituição, neste caso a eclesiástica católica, como responsável pela absolvição ou não dos pecados e pela condução das almas ao céu.

Sendo assim, acreditamos que é nesse contexto de religiosidade institucionalizada, que

---

<sup>2</sup>Ver Terezinha OLIVEIRA. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 21, p. 175-185, 2008.

<sup>3</sup>Escola historiográfica fundada na primeira parte do século XX, por Lucien Febvre e Marc Bloch, e que teve, posteriormente, nomes como Jacques Le Goff e Pierre Nora como representantes. Fundamenta-se na crítica a história factual, estabelecendo conceitos como história-problema, tempo de longa, média e curta duração, antropologia histórica. Ver Peter BURKE. *A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

<sup>4</sup>Ver (1) Jérôme BASCHET. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006; (2) Jacques LE GOFF. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2005; (3) Thomas E. WOODS JR. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2008.

<sup>5</sup>Ver Laura de Melo e SOUZA. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

<sup>6</sup>Ver BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista e ampliada. 4. imp. São Paulo: Paulus, 2006.

<sup>7</sup>Ver Jacques LE GOFF. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995, 2.ed.



foi construído o ponto essencial do imaginário medieval, o “[...] ponto fulcral, a principal criação do cristianismo na época da Idade Média Longa: Satanás. Satanás foi o director de orquestra da sociedade feudal”.<sup>8</sup>

Acreditamos que é a partir dos estudos historiográficos que se torna possível a identificação das diferentes interpretações históricas, suas influências teóricas, motivações sociais, suas aproximações e divergências e as prováveis visões ultrapassadas ou incompletas. Podemos, através das diversas formas de se compreender a história, colher depoimentos e concepções cujas bases estão em seus tempos específicos e que nos fornecem ferramentas importantes para o estudo do passado. Dessa forma, ao utilizarmos a própria historiografia como fonte, não estamos somente analisando o Diabo na Idade Média, mas também as próprias concepções dos autores que escreveram sobre ele.

Assim, a escolha dos livros-fontes foi feita de forma a privilegiar certos aspectos. Tais aspectos estão relacionados às questões espaço temporais, teóricas e metodológicas. Foram necessárias no sentido de tornar possível o trabalho e também de maximizar as possibilidades históricas de nosso estudo.

Primeiramente, em conversa com meu orientador, Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro, decidimos construir uma análise historiográfica por tendências regionais. A partir de pesquisas iniciais, percebemos que os polos com mais produções sobre o Diabo são a França, os Estados Unidos e a Inglaterra. Selecionamos, então, obras dentre as mais destacadas de cada um desse país. Entretanto, por dificuldades de acesso à obra inglesa, decidimos substituí-la por uma brasileira, trazendo uma das tendências para a pesquisa nacional. Além disso, os três livros analisados foram produzidos a partir de correntes teóricas bem diferentes: na França, influência da Antropologia Histórica e das Mentalidade; nos EUA, influência da História dos Conceitos e das Ideias; no Brasil, influência da História do Imaginário. Um outro fator foi dar prioridade a livros com publicações no Brasil, justamente por nossa pesquisa está focada nos pesquisadores e interessados brasileiros. Por fim, todos os livros foram produzidos a partir de 1970. Fizemos esse recorte pois acreditamos que é por volta desse período que pesquisas com novos paradigmas de análise do Diabo, verdadeiramente inovadoras e relevantes do ponto de vista historiográfico, se delineiam.

Portanto, o leitor ou leitora encontrará nessa monografia uma análise específica da historiografia do Diabo, partindo dos seguintes questionamentos: Como esta historiografia

---

<sup>8</sup> Ver Jacques LE GOFF. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994. p. 27.

analisa e compreende a representação do Demônio na história? Quais as dimensões, domínios e abordagens teóricas utilizadas? Quais as fontes utilizadas? Quais os métodos de pesquisa? Quais as ideias e teses sob as quais os autores sustentam suas argumentações? Buscamos, a partir dessas problemáticas, atingir o nosso objetivo primordial, que foi compreender as concepções sobre o Diabo, e sua construção histórica na Idade Média, tendo como base os seguintes livros: *Lúcifer: o Diabo na Idade Média*, escrito por Jeffrey Burton Russel; *Satã Herético: o nascimento da demonologia na Europa medieval*, escrito por Alain Boureau; e *O Diabo no imaginário cristão*, escrito por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira.

## CAPÍTULO I

### A PERSONIFICAÇÃO DO MAL

Em nossa proposta de discutirmos a historiografia do Diabo por tendências regionais, e tendo os Estados Unidos como uma das regiões escolhidas, não poderíamos selecionar outro autor que não fosse Jeffrey Burton Russell. Isso se dá por alguns motivos, quais sejam: dentro do espectro americano de pesquisas sobre o místico e o religioso, especialmente sobre Lúcifer, o autor se destaca pela alta quantidade de livros publicados (dezessete, no total), dos quais ressaltamos os cinco livros acerca da construção do conceito do Diabo;<sup>1</sup> no seio da historiografia medieval ele é bastante respeitado, o que lhe rendeu, inclusive, um livro em homenagem,<sup>2</sup> além de ser quase sempre citado em obras sobre o Diabo nesse período;<sup>3</sup> um outro motivo é a sua longa carreira como professor em uma das mais importantes universidades americanas;<sup>4</sup> e, por fim, o fato do seu livro ter sido publicado no Brasil, apesar de termos trabalhado como a versão em espanhol.<sup>5</sup>

Estadunidense, Russell fez carreira tanto como professor, quanto como pesquisador/escritor, tendo sucesso em ambos os caminhos. Formado em História e especialista em Idade Média e Religião, obteve graduação e especialização pela Universidade da Califórnia e título de Ph.D. pela Universidade Emory. No tocante à atuação profissional, trabalhou como professor em várias instituições, a exemplo das Universidades de Harvard, do Novo México e de Notre Dame; e publicou vários livros e artigos, acerca de estudos sobre a sociedade medieval e sobre o pensamento cristão.

Seus estudos estão, majoritariamente, direcionados para as áreas da História e da Ciências da Religião, sendo os temas mais recorrentes: a Idade Média, o místico, o Cristianismo, as bruxas e a bruxaria, e o Diabo. Nesse sentido, é reconhecido como um dos maiores especialistas na história do Cristianismo, em particular no que diz respeito aos estudos

---

<sup>1</sup> São os livros que tratam do Diabo no mundo antigo, no medievo, no mundo moderno, *Devil: Perceptions of Evil from Antiquity to Primitive Christianity*; *Satan: The Early Christian Tradition* (1981); *Lucifer: The Devil in the Middle Ages* (1984); *Mephistopheles: The Devil in the Modern World* (1986); *Prince of Darkness: Radical Evil and the Power of Good in History* (1988)

<sup>2</sup> *Devil, Heresy, and Witchcraft in the Middle Ages: Essays in Honor of Jeffrey B. Russell*

<sup>3</sup> Em minha pesquisa, verifiquei vários artigos nos quais ele é citado, além de livros como o próprio *Satã Herético*, analisado no segundo capítulo.

<sup>4</sup> Universidade da Califórnia, nos EUA.

<sup>5</sup> Não conseguimos ter acesso ao livro em português. É um livro que não recebeu nenhuma reedição no Brasil, o que torna bastante difícil encontrá-lo para aquisição. Mesmo em sebos, não consegui adquiri-lo.

do “Maligno”, não ficando, entretanto, restrito a somente esse tema.<sup>6</sup> Como professor, trabalhou, em grande parte de sua vida, com o estudo do Medievo e também com alguns temas interdisciplinares.

A historiografia proposta por Russell, assim como a historiografia em geral, é fruto do seu tempo, dos anseios, necessidades e, mais ainda, tendências que o seu momento histórico impõe.<sup>7</sup> Russell faz parte de uma tendência, muito forte na década de 60 e 70, de análise das mentalidades, do imaginário, das ideias e, mais propriamente em seu caso, dos conceitos; de entender o lado muitas vezes não contado: das minorias, dos dispensáveis, dos indesejáveis, dos podres. Nesse sentido, os próprios temas analisados (Diabo, feitiçaria, heresia, morte) são, de modo geral, linhas de estudo que denotam a esse tipo de historiografia. Não se trata de colocá-lo dentro de uma caixinha pré-definida e intransponível, mas em linhas gerais, ele segue a tendência muito bem desenvolvida e conduzida por Le Goff, Jean Delumeau, Philippe Ariès, Georges Duby, entre muitos outros, que revolucionaram a forma de entender e compreender o Medievo e a própria história. Russell faz parte desse grupo de renovadores da história e, para além disso, deixou um grande legado no que diz respeito ao estudo teológico da história.

### 1.1 – RUSSEL E SEU LÚCIFER MEDIEVAL

Para analisarmos uma obra que fala sobre Lúcifer, é preciso que façamos um esforço importante de entender qual a percepção do autor sobre ele, de qual perspectiva será feita a análise. Dessa forma, entendendo o ponto vista historiográfico, filosófico da estrutura da argumentação podemos estabelecer um ponto fixo no horizonte, que servirá de norte para o desenvolvimento deste texto. Ou seja, é necessário compreender qual o Diabo de Russel.

Ele é aquilo que dizemos que é. Anjo, monstro; belo, medonho; Luz da manhã, príncipe das trevas; são máscaras dualistas construídas pela humanidade com intuito de satisfazer suas necessidades e, para além disso, sua própria existência. O bem, entendido como instância superior na qual Deus é o símbolo máximo, necessita de um antagonista para que faça sentido em si mesmo. Isto é, sem o mal, não poderíamos estabelecer o que é certo ou errado, pois o próprio limite epistemológico da consciência humana estaria desconstruído. Russell descarta a ideia de que poderia haver uma certa neutralidade em nossos tempos:

el vago igualitarismo de nuestro tempos insiste em que no hay pautas cualitativas. Si no hay pautas de valor entre las preferencias personales,

---

<sup>6</sup> O seu livro sobre o mito da terra plana, por exemplo, foi muito bem recebido pela historiografia.

<sup>7</sup> BARROS, José D’ Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.

entonces nada es realmente bom ou malo... incluindo los actos de Norris e Bittaker.<sup>8</sup>

Sendo assim, o mal existe e está em nossa realidade prática. É nesse campo que o Diabo habita, ele representa o polo extremo do outro lado da moeda. Não exatamente como um ser concreto, mas sim como um conceito, o Anjo Caído representa justamente o que de pior existe no cosmo. Nesse sentido, o mal não pode ficar encoberto, “[...] exige que lo veamos. Nos amenaza, a cada uno y a todos. Si no lo examinamos, corremos grave peligro. Y de ningun modo podemos trivializarlo. Si no lo percibe como la personificación del mal real, el Diablo pierde todo sentido”.<sup>9</sup> Portanto, o Satã, para Russell, também não está somente no mundo das ideias, mas ele vive, necessariamente, em nosso cotidiano, como a personificação do mal<sup>10</sup>, místico ou humano. O autor aqui não está somente interessado em entender o conceito sobre o ícone do Mal, mas sim suas complexas e extensas relações com as pessoas, nos seus diversos tempos e espaços, pois, sem as quais, os conceitos não são construídos e sem a aceitação e validação da sociedade acabam não progredindo.

Entretanto, Russell segue a linha do pensamento idealista, que acredita que as ideias importam em si mesmas, menos o contexto no qual surgem<sup>11</sup>. Nesse sentido, ao rejeitar as teses materialista predominantes à época, argumenta que é preciso abrir a mente a novas e diversificadas cosmovisões, fugir do anacronismo reducionista percebendo que nossa própria visão é definitivamente limitada. Nessa lógica, defende uma certa unidade no desenvolvimento da demonologia no pensamento cristão, desde os padres dos desertos até a escolástica (que aprofundou os estudos), e das opiniões protestantes no século XVII com as ideias do século XIII.<sup>12</sup> Como ele nos aponta, “En general, la diabolología cambió durante ese período em detalles refinados más que em puntos principales. Essa consistencia inusual deriva de la consistencia general de la teología cristiana em la Edad Media [...]”.<sup>13</sup>

Dessa forma, um aspecto fica bem definido, “antes de preguntarse por la existencia del diablo, esta la pregunta do que és el diablo”.<sup>14</sup> Essa problemática norteia o livro. Não se trata

---

<sup>8</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer**: o Diabo na Idade Média. São Paulo: Madras, 2003, p.19. O autor faz um breve debate acerca da existência do bem e do mal, concluindo que casos os dos dois psicopatas americanos que estupraram e assassinaram várias adolescentes e dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial no século XX, justificam o crescimento dessa visão dual de mundo.

<sup>9</sup> Ibid, p.10.

<sup>10</sup> Esse conceito é peça-chave para o entendimento das proposições e ideias do autor, posteriormente será retomado.

<sup>11</sup> Ibid, p. 12

<sup>12</sup> Aqui percebemos uma semente para o que será desenvolvido posteriormente por Alain Boureau, em *Satã Herético*, a ideia de que a fundação da caça às bruxas do século XV e XVI está no período medieval, mais especificamente no século XIII, tempo do aprofundamento de estudos demonológicos.

<sup>13</sup> Ibid, p.12.

<sup>14</sup> Ibid, p.21.

de uma tentativa pragmática de desvendar, elucidar ou provar a existência ou não do Diabo, a questão é muito mais complexa e pertinente: de que forma, por que, onde, quando, por quem e para que foi construído esse conceito. Em outras palavras, o Diabo em si não possui história, é impossível fazer uma investigação histórica da sua vida e das suas ações, porque, enquanto ser abstrato, ele não é um sujeito ativo. Isto posto, é correto afirmar que, para entendê-lo, é preciso perceber o sentido que está por trás dele, o Mal.

O Núcleo do mal é a violência, a qual se traduz em uma ação intencional para causar um mal específico, dor. Esta, por sua vez, é repartida em três aspectos, causa (ação, vinculada a Lúcifer), resposta física (moralmente neutra, defesa do corpo, como saber que pisamos em brasa quente) e sofrimento (resultado do mal ativo, causado pela violência, proporcional a dor). Entretanto, um paradoxo se produz: se Deus criou a tudo e todos, e onisciente que é, seria ele um causador de sofrimento? Russell argumenta que sim, pois, ao ser autor de tudo, Deus também construiu o terremoto, o assassino e o próprio mal.<sup>15</sup>

Portanto, é necessário entender o conceito, o que Lúcifer representa, o que ele significa. A resposta a esse problema será elaborada no sentido de nos mostrar as influências tanto do Ocidente, como do Oriente e dos Islâmicos, ponto este muito interessante do autor, que difere de vários outros medievalistas que “esquecem” ou simplesmente ignoram as influências do oriente medieval na construção da mentalidade cristã. Ademais, Russell perpassa pelos principais sistemas de pensamentos cristão no medievo, fundadores e fomentadores da dominação católica, que são: a Patrística, a Escolástica e a Teologia Mística. Isto posto, ele se propõe a construir uma História dos Conceitos, o que veremos na próxima parte.

## 1.2 – UM ESTUDO DOS CONCEITOS

Tão importante quanto entender suas ideias sobre o Diabo, é formular um esboço teórico-metodológico no qual Russell esteja inserido. Isso significa entender de que modo ele concebe a história, em que contexto historiográfico está posto, como desenvolve sua lógica argumentativa, suas teses principais. Aspectos fundamentais nesse esforço de análise aqui empreendido.

Apesar de defender em certo ponto o pensamento idealista da História, Russell se coloca fortemente como um Historiador dos Conceitos, é a essa corrente de pensamento histórico que ele se filia. Esse tipo de abordagem histórica possui duas tarefas básicas, que é entender não somente o desenvolvimento de um conceito, mas ele próprio em si. Método

---

<sup>15</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.18-19.

semelhante a História das Ideias, entretanto diferente em alguns aspectos fundamentais: a história dos conceitos possui base social e cultural com amplitude maior; e níveis mentais muito mais profundos, isto é, não se privilegia um grupo específico de corrente filosófica, como a escolástica, mas sim os diversos sujeitos históricos envolvido no processo de construção e validação.<sup>16</sup>

El método empleado em este libro para responder a la cuestión es la historia de los conceptos, que es um esfuerzo por examinar las bases del pensamiento histórico, construir um sistema coherente de explicación histórica de los conceptos humanos y validar esse sistema como al menos igual de fiable que los sistemas científicos.<sup>17</sup>

Russel defende a ideia de ceticismo epistemológico, isto é, de que é impossível conceber qualquer tipo conhecimento integral e de que não existe verdades plenas. A história muda, as pessoas mudam, todo conhecimento construído hoje ou amanhã pode não mais ser consenso. O próprio conhecimento é uma elaboração que parte do individual baseada na experiência intelectual e empírica. Isso significa dizer que ele não é necessariamente socialmente aceito, é preciso – e aqui está outro conceito fundamental – que ele esteja dentro de um sistema coerente, senão vira superstição. Para Russell,

El mejor sistema para definir e explicar construcciones humanas tales como la constitución o ele diablo es la historia de los conceptos. Este sistema es mejor porque se basa em el menor número possible de supuesto no demostrados, abarca todo concepto humano y lo hace com la mayor economia compatible com una plena explicación, La definición que ofrece es al mismo tiempo la más amplia y la más coherente.<sup>18</sup>

Esse sistema, como já dito, é sempre incompleto, está sempre em transformação. O próprio conceito analisado está sempre em transformação, por mais que transcenda o tempo e o espaço e mantenha suas formas básicas originais. O pesquisador precisa, nesse contexto, favorecer a história em detrimento de paixões. Seria impossível entender o Diabo por si só, como sujeito histórico, mesmo para teólogos. O modo mais próximo e confiável de entender o Satã é justamente a História dos Conceitos, a qual nos coloca a refletir a tradição desenvolvida sobre ele, suas afirmações e correlações dentro das diferentes sociedades.

---

<sup>16</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.43.

<sup>17</sup> Ibid, p.21.

<sup>18</sup> Ibid, p.22.

Ao nos debruçarmos sobre esse tipo de estudo é importante que tenhamos em foco um aspecto importante: “Un concepto no es una idea platónica, metafísica, objetiva sustancial”.<sup>19</sup> Na prática ele pode existir ou não. Não se trata disso, não se pretende que exista um ser compatível com o conceito de Diabo. Mesmo que existisse e fosse possível vê-lo, a análise estaria corrompida, pois a descrição seria feita com base em preceitos estritamente individuais. A intenção fundamental, como já exposto, é entender a construção e desenvolvimento desse conceito.<sup>20</sup> Além disso, tudo isso é transmitido através da tradição sobre o conceito, a qual é desenvolvida de modo que as percepções gerais são mantidas e percepções excêntricas, que não geram percepções gerais, são dispensáveis. Nesse sentido, só interessa ideias que possuam devida validação social. É a partir destas que se pode compreender os conceitos de forma mais ampla e aproximada da realidade: “El diablo es o que es su concepto, y su concepto es la tradición de las opiniones humanas sobre él”.<sup>21</sup>

Russell se afasta de ideias estruturalistas. Para ele os conceitos são formados a partir de entendimentos individuais, através do que ele chama de estrutura inconsciente, que é um instinto cognitivo próprio da humanidade, juntamente com os acontecimentos externos. A união desses dois fatores constrói uma percepção, que varia a partir do indivíduo e suas diversas estruturas mentais. No decorrer da vida os indivíduos assimilam uma série de percepções, que irão formar um vasto banco de dados, criando uma formulação geral. Ao se interagir várias dessas percepções, entre os indivíduos, se constrói uma consciência comum. Todo esse processo é bastante complexo e demorado. Ao decorrer do tempo, novas consciências são formadas, reformulados, finalizadas. A transmissão dessas correntes comuns é feita através da tradição, de modo que as arestas são sempre aparadas.<sup>22</sup>

A tarefa do historiador é justamente entender essa tradição da melhor maneira possível. É preciso saber quando as correntes dissidentes precisam ser ouvidas, quando há diversas correntes aceitas socialmente, quando as tradições deixam de satisfazer as necessidades e morrem, quando são reconstruídas, quando são renovadas. Entendendo essas tradições, é possível entender os conceitos que elas transmitem, e entendendo estes, estamos também compreendendo o próprio objeto de análise. Para isso, é preferível entender os caminhos pelos quais percorre essa tradição, do que sua origem propriamente dita.

---

<sup>19</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.43.

<sup>20</sup> Ibid, p.44.

<sup>21</sup> Ibid, p.45.

<sup>22</sup> Ibid, p.49-50.



Dentro do espectro historiográfico do Diabo, Russell afirma que há poucas obras com relevância.<sup>23</sup> Alguns textos importantes e que dialogam com o livro de Russell são os de Henry Ansgar Kelly, *Demonology and Witchcraft*, no qual ele analisa a construção da demonologia na cultura judaico-cristã, concluindo que a figura de satanás deveria ser excluída do imaginário cristão, já que ele é uma construção feita a partir de crenças locais;<sup>24</sup> Richard Woods, *The Devil*;<sup>25</sup> e Herbert Haag, *El Diablo*, no qual, de modo semelhante a Russell, propõe traçar um conceito do diabo, evidenciando o que está por trás dele, o mal, produzido pelas próprias pessoas.<sup>26</sup> Unem essas obras a ideia de para entender o Diabo é preciso conhecer o conceito que ele representa. A resposta é que o significado último de Lúcifer é o mal.

As produções historiográficas sobre o Diabo até a década de 1970 são raríssimas. Os poucos estudos relevantes são os supracitados acima. Nesse contexto, Russell percebendo esse vácuo de pesquisa, concebe um vasto estudo acerca do conceito do Diabo e sobre o pensamento cristão nos diferentes tempos e espaços históricos. A suas obras trouxeram uma grande contribuição para os estudos do Medieval em todo mundo, por aclarar caminhos até então pouco conhecidos, por desenvolver uma longa e empírica renovação acerca do conhecimento sobre Lúcifer.

Prova do seu reconhecimento é o livro *Devil, Heresy, and Witchcraft in the Middle Ages: Essays in Honor of Jeffrey B. Russell*<sup>27</sup>, uma coleção de textos de vários autores contemporâneos que desenvolvem estudos sobre o pensamento cristão, o Diabo e a bruxaria. No texto, os coautores classificam Russell como uma inspiração, como exemplo de historiador, professor e profissional. Além disso, chamam à atenção para a importância de seus estudos, que classificam como inovador e fundamental para o desenvolvimento da história do pensamento cristão medieval. Seus livros foram publicados e republicados em vários idiomas, português, espanhol, francês, e vários países, dentre eles o nosso.

No Brasil, Russell teve três dos seus livros traduzidos, justamente o que é aqui analisado, *Lúcifer: o Diabo na Idade Média*; *O Diabo as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo*; e *História da Bruxaria*.<sup>28</sup> Houve apenas uma edição em ambos e já não

---

<sup>23</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.37.

<sup>24</sup> KELLY, Henry Ansgar. **The Devil, Demonology, and Witchcraft: Christian Beliefs in Evil Spirits**. Wipf and Stock Publishers, 2004.

<sup>25</sup> WOODS, Richard. **The devil**. Thomas More Press, 1973

<sup>26</sup> HAAG, Herbert et al. **El diablo: su existência como problema**. Herder, 1978.

<sup>27</sup> Livro em homenagem à sua aposentadoria.

<sup>28</sup>(1) RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003. (2) RUSSELL, Jeffrey Burton. **O Diabo: as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991. (3) ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.

são mais comercializados pelas editoras que os publicaram. Dentro do seio dos estudos medievais brasileiro, a sua obra foi também bastante relevante, ainda mais se salientarmos os pouquíssimos livros e artigos traduzidos para o nosso idioma. Nas monografias e artigos brasileiros, que tratam do Diabo na Idade Média, visitados por mim, são raros os casos que Russell não é referenciado. Sem dúvida, todos os pesquisadores que pretendem pesquisar sobre o Diabo, em qualquer período histórico, precisam ler as obras de Russell, mesmo que as considere inadequadas ou ultrapassadas, pois são referências em todo campo historiográfico.

Dito isto, é importante também compreendermos o trato com as fontes. Nesse sentido, chama à atenção a quantidade e a variedade de documentos utilizados por Russell. Dentre os quais, destacamos as hagiografias, as obras litúrgicas, textos de pensadores cristãos como São Tomás de Aquino, Literatura medieval, teatro medieval, cantigas, documentos eclesiásticos e arte medieval.<sup>29</sup>

O cuidado com as fontes também é uma das marcas de Russell. Ele procura utilizar documentos que evidenciem as diferentes percepções formadores da tradição do Diabo, desde a cultura popular aos manuais episcopais. Sempre utilizados de forma bastante organizada. Acredito que sobre a análise das imagens falta contextualiza-las dentro do que está sendo narrado. Hoje já há toda uma nova forma de análise de fontes iconográficas, na qual a imagem deixa de ser um simples adereço da narração escrita e passa ela mesma a ser parte integrante fundamental da explicação histórica.

Toda essa variedade é aliada a uma intensa reflexão filosófica, teológica e antropológica. Para além do seu caráter historiográfico, o livro é um exemplo de interdisciplinaridade. Por diversos momentos, o autor estabelece várias considerações que transcende o campo da história e nos remete a debates que ultrapassam os limites do livro e nos fazem pensar em nossa própria prática social, nossas convicções, crenças, ideias. Não se trata, de fato, de saber se o Diabo existe ou não, mas sim de como somos influenciados pelo conceito que está escondido nele.

A sua obra, claro, não é perfeita. Algumas considerações importantes precisam ser feitas. Inicialmente, uma questão chama à atenção: a falta de uma demonstração mais clara acerca de suas fundamentações teórico-metodológicas. Não obstante suas argumentações acerca da história dos conceitos, Russell não esclarece quais as suas inspirações, teses, fundamentos, conceitos teóricos e metodológicos. Uma argumentação para isso é que, por se

---

<sup>29</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.356-372. Ele dedica uma parte do seu livro para fazer um ensaio sobre fontes, no qual ele analisa versões e traduções indicadas, e possibilidades de utilização.

tratar da terceira parte dos cinco livros sobre o conceito do Diabo, ele já teria tratado desses aportes teóricos anteriormente (e realmente trata).

Além disso, ao defender sua corrente teórica, afirma que ela é a única maneira possível de estudar uma criação como o Diabo. Parece-nos uma visão reducionista da história. Os domínios da história<sup>30</sup>, cultural, imaginário, mentalidade, estudos sociais, econômico, são tão vastos e ricos, o que permite ao historiador uma variedade incrível de estratégias de pesquisa. Portanto, me parece um equívoco a afirmação de que apenas um deles poderia abarcar esse tipo de estudo.

Um outro fator diz respeito ao debate historiográfico produzido pelo autor. Não é estabelecido os contrapontos de sua historiografia, os autores com os quais ele concorda ou não concorda, principais ideias que ele defende ou rejeita.

*Lúcifer: o diabo na Idade Média* é um estudo do conceito do Diabo, confeccionado a partir de um novo olhar historiográfico, com fontes bastante diversificadas e contribuições significativas para os estudos do Medievo. Para mostrar que Lúcifer nada mais é do que um símbolo do mais alto nível de maldade, Russell reconstrói todo movimento da formulação das percepções acerca do mal e de Lúcifer, partindo da perspectiva que tudo isso ocorreu num processo entre três grandes pilares, Ocidental, Oriental e Islâmico; de que o conceito do Diabo permanece na Longa duração do tempo histórico; de que essas percepções são demonstradas nas mais diversas formas artísticas, culturais e sociais; e de que é impossível compreender o Diabo por si só. É o que vemos na próxima parte.

### 1.3 – A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DO DIABO

Por último em nossa análise, falaremos agora sobre as teses e hipóteses levantadas pelo autor, e que explicam o desenvolvimento do conceito do Diabo na Idade Média. Respondendo, em seguida, com as próprias conclusões do autor. Buscaremos, dessa forma, traçar uma linha entre proposições e as argumentações que Russell defende. Nesse sentido, é importante salientar que, dentro dos limites deste trabalho, seria impossível abarcar todos as teses e ideias defendidas no decorrer do livro, portanto as análises abaixo estão formuladas de modo que sejam sintéticas, coerentes e explicativas, para que o núcleo do pensamento do autor seja exposto.

A primeira ideia a ser aqui levantada é a de que para se conceber a construção e o desenvolvimento do conceito do Diabo é preciso incluir “[...] pontos de vista ortodoxo

---

<sup>30</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Os domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

orientales e islámicos [...]”,<sup>31</sup> ainda que o foco seja o conhecimento ocidental, no qual ele recebe mais consideração. Portanto se trata de um termo de comparação entre dois lados bastante complexos do cristianismo e a corrente mulçumana na formação da mentalidade Medieval.

Russel faz uma interessante análise do conceito do Diabo no ponto de vista ortodoxo e islâmico. Para ele, “La teologia ortodoxa más mística e unitaria que la del ocidente, prestó menos atención al Diablo”.<sup>32</sup> Destoando do pensamento neoplatônico, a corrente de pensamento dominante é a de Dionísio, a teologia mística negativa (apofática), a qual defende que não importa conhecer a Deus, necessário é unir-se a ele. Tudo procede dele, por ele e para ele. Além disso, havia uma forte tendência da unificação do pensamento. Essas condições tornaram possível um Diabo muito mais oculto do que no ocidente medieval. Como poderia haver o mal em um mundo que foi todo feito por um Deus perfeito? Além disso, não era possível supor nada nem sobre Deus, nem sobre o Diabo, pois ambos estavam acima da compreensão do homem. Contudo, havia o consenso de que a verdade é que Deus criou o Diabo perfeito, este por sua vaidade se revoltou contra Deus e desde esse momento deixou de ter a graça. Já nós, seres humanos, não pecamos porque o Diabo nos força, mas sim porque queremos, ele só nos tenta, temos o livre arbítrio para escolher.

Por outro lado, desenvolveram-se as heresias dualistas. Nas palavras de Russell: “la omnipresencia del poder demoníaco em el pensamiento popular bizantino, el qual, como el pensamiento popular em Occidente, mediaba las opiniones de los teólogos [...]”. Um forte poder de um ser que está em todos os lugares, criando tensionamentos no meio das pessoas e fornecendo impulsos ao debate dos pensadores eclesiásticos. Entretanto, percebemos um certo sentimento de irrelevância das pessoas ao tratar o Diabo. A preocupação com os perigos advindos do Mal não ocupou no imaginário dessa população um lugar de grande importância. Segundo Russell: “Esas leyendas y ccrenças populares tienden, em general, a ser triviales e intrascendentes. No logran a encararse seriamente al problema del mal y el sufrimiento y son testigos da de la tendencia humana a perderse em detalles irrelevantes [...]”.<sup>33</sup> Portanto, o Diabo era um ser presente na mente, mas não de modo sério. Ele existia, os riscos de sua presença não era questão fulcral.

Por outro lado, apesar de suas notáveis diferenças culturais, os mulçumanos possuíam visão semelhante ao pensamento ocidental no tocante a Satã. Como nos mostra Russell: “la tradición mulssumana del diablo está estrechamente emparentada com las de las outro dos

---

<sup>31</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.11.

<sup>32</sup> Ibid, p.27.

<sup>33</sup> Ibid, p.54.

grandes religiones occidentales, el judaísmo e el cristianismo. Los principios del islam son el monoteísmo estricto y una sumisión absoluta a la voluntad de Dios”.<sup>34</sup> O monoteísmo, regente de ambas as tradições, fornece a imagem de um Deus poderoso, inigualável; e de um Demônio tentador que destruir a ligação das pessoas com Deus. Além disso, a escritura sagrada, o alcorão, tem muito mais autoridade do que a bíblia, e, claro, tudo perpassava o *hadit*, que eram as tradições, escritas e orais das práticas de Maomé.<sup>35</sup> Para os maometanos o sentido de onipotência e de onisciência são levados ao extremo. Nesse sentido, o Diabo só existe porque Deus permite, não existe dualismo.

Em seguida, Russell propõe que o Diabo no ocidente cristão foi construído a partir do folclore, das expressões artísticas e culturais e da influência da Alta Idade Média. É isso que discutiremos agora.

As influências culturais das regiões ao redor da Europa medieval foram também fundamentais, “El concepto Cristiano del diablo fue influido por elementos folclóricos, unos procedentes de las viejas culturas mediterráneas y otros de las religiones célticas, teutónicas y eslavas del norte. Hubo ideas paganas que penetraron en el cristianismo, e ideas cristianas que penetraron en el paganismo”.<sup>36</sup> Dessa mistura sincrética constitui-se o catolicismo popular, cheio de superstições e pensamentos mágicos. Isso possibilitou a formação de um Diabo terrível, um monstro chifrudo, ou um idiota, subserviente às vontades dos homens; a construção dos monstros medievais e de características particulares, como a roupa de Lúcifer. Foi o folclore que possibilitou a criação do Satã como líder do inferno, junto com seus soldados; dos seus diversos nomes; dos seus diversos poderes. A visão de um Diabo feiosos, cheio de armadilhas,

andando sobre cavalos enormes, ou perturbando o sono, propondo pactos (usados posteriormente para a demonização das minorias) é também uma derivação do folclore medieval. Mas também um Satã satírico, cheio de humor, evidenciado pela produção das cartas.

Aliado a isso, a cultura do medievo em seus primeiros séculos foi dominada pelo monasticismo. Dentro do espectro demonológico, “era um consenso general entre los primeros autores medievales, siguiendo a los padres, que, a consecuencia del pecado original, la humanidad estaba en poder del diablo”.<sup>37</sup> Lúcifer tinha adquirido uma espécie de poder sobre a humanidade, de alguma forma um castigo por nossas iniquidades. Mas Cristo voltou e nos

---

<sup>34</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer**: o Diabo na Idade Média. São Paulo: Madras, 2003, p.55.

<sup>35</sup> Ibid, p.56.

<sup>36</sup> Ibid, p.67.

<sup>37</sup> Ibid, p.115.

libertou. Mesmo assim, o Diabo continuava a nos atormentar, era preciso se proteger, e uma das formas de fazer isso, dentre outras liturgias, era o batismo:

Esas liturgias indican que la gente no estaba segura em cuanto a la magnitud del poder del diablo, la eficacia de Cristo em combatir ese poder, quiénes eran salvados por Cristo, y si murió por todos o no. Era (y es) um mundo aterrador y, aparentemente, ni la teología ni la liturgia habían conseguido calmar las dudas de los fieles.<sup>38</sup>

A arte e a literatura na Alta Idade Média foram meios eficazes de disseminação das percepções sobre o Diabo. Entretanto, para Russell, analisar a arte é muito difícil no sentido de que o conceito por trás da obra pode ser muito mais visão artística do que uma crença. Mas o esforço é preciso. Até o século IX haviam poucas representações do Diabo, entretanto, as hagiografias, principalmente, começaram a popularizar a representação do mal, no sentido que este era combatido pelos santos em suas vidas. As cenas variavam: Expulsão do reino dos céus, duelo com Cristo, tentação de Eva e Adão, o juízo final. Inicialmente pensado como humano ou humanoide, mas posteriormente acabou se transformando em mostro horrendo, particularmente a partir do século XI. Os demônios tendiam a seguir as escrituras e seres representados através de cobras, dragões, bodes. Era um demônio realmente feio, desarmônico, desigual.

A literatura, por sua vez, se inspirou, muito mais do que os artistas representativos, na teologia, nos textos, com as devidas transformações e adaptações que seu ponto de vista permitia. Tratavam, principalmente, da rebelião dos anjos, da expulsão do paraíso, do julgamento final.

As peças de teatro também eram meios importantes de aparição do Diabo. “Em nenhuma parte tuvo el diablo una apariencia más convincente que em las obras teatrales de misterios y milagros de la baja Edad Media”.<sup>39</sup> As peças, redigidas por clérigos, eram feitas para amedrontar as pessoas, mas acabava as atraindo pelo alto interesse que tinham pelo Demônio. As peças retrataram os momentos bíblicos desde a criação ao juízo final. A divisão dos nomes, Lúcifer, Satã, começa a ocorrer, o que corrobora com uma ideia cada vez mais forte de especificação e separação entre Lúcifer e os outros demônios. As peças de teatro eram verdadeiras proliferadores de uma imagem de demônio chefe do inferno, com seus muitos demônios. Um Diabo horripilante, assustador, audacioso, mentiroso. Mas também reforça a

---

<sup>38</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.142.

<sup>39</sup> Ibid, p.277.

ideia de que no fim, o mal cairá e Cristo saíra vencedor, derrotando Lúcifer e fechando de uma vez por todas as portas dos infernos.

Encerrando seu livro, Russell descarta a ideia de que o século XIV e XV foram séculos limítrofes de uma ruptura que trazia luzes novas para a humanidade. Para ele, é um período bastante complexo e que possui a característica promover relações múltiplas de troca e inovação.<sup>40</sup>

O pensamento escolástico, para Russell, reduziu o papel do Diabo no mundo, e ainda assim desaguamos na questão da caça às bruxas. Segunda o autor, apesar de ter-se reduzido a figura de Lúcifer na teologia Cristã, no pensamento popular no pensamento protestante, o Diabo permanecia vivo. Desse modo,

La caza de bruxas es uno de los episodios más importantes de la historia del diablo. La creencia em sus poderes inmediatos y terrible de reavivó em toda la sociedade hasta um grado superior incluso que em el tiempo de los padres del desierto. Y reveló el peligro más terrible de la creencia em el diablo: la predestinacion a creer que aquélos que nos desagradan o a los que tenemos son servidores de Satán y blancos legítimos del odio y la destrucción.<sup>41</sup>

Um mal legítimo, capaz de tornar insano o pensamento humano, de destruir vidas e de coibir a liberdade. Um ser que adentra no tempo sem se perder, mas se reinventando. Entendendo essas diversas facetas, construídas e sustentadas a partir do próprio pensamento humano, podemos conhecer os sentidos para sua existência. O conceito que se esconde por trás do Ícone do Mal é a chave para entender o próprio código existencial de Lúcifer. Compreendendo-o podemos combater-lo, não o Diabo em si, mas o Mal que se esconde nele, um grande causador de mazelas humanas. Portanto, chegando à conclusão do pensamento de Russel, podemos alcançar um certo ponto de alcance para o ideal cristão de maldade, um mal real e que age de fato na vida de todos, escondido nas sombras, pronto para destruir as luzes. Lúcifer é somente um símbolo de tudo que nós, homens, fazemos e não temos a coragem de assumir.

#### 1.4 – O MAL POR TRÁS DA CRIATURA

No fim, o Diabo é identificado como personificação do mal, e aqui entendamos como um mal prático, humano, não celeste. O mal não significa a culpa do anjo que se rebelou contra Deus, mas sim o mal produzido pelas próprias pessoas. Está em nosso cosmo. Episódios como

---

<sup>40</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer**: o Diabo na Idade Média. São Paulo: Madras, 2003. p.311.

<sup>41</sup> Ibid, p.342.

o holocausto judeu, as bombas nucleares no Japão, a Guerra do Vietnã, entre tantos outros exemplos sintetizam o verdadeiro conceito por trás de Lúcifer. Ele representa o polo máximo da maldade.

Para Russell é necessário que nós o reconheçamos, porque se não enxergamos o Ícone Maior do Mal, não enxergaremos o próprio mal em si. E este precisa ser combatido, precisa ser constrangido. Não é possível estabelecer a ideia de que podemos ser neutros dentro universo, pois se considerarmos essa hipótese de que não existe bem ou mal, estaríamos simplesmente em um nível de igualdade no qual teríamos que admitir que uma psicopata estuprador seria igual a Malcolm X. Ser neutro, nesse sentido, é escolher automaticamente um lado: o lado que está vencendo.

O Diabo, portanto, é somente um conceito, cunhado e fomentado por uma sociedade mergulhada em uma religiosidade repressora e reguladora; por um período no qual o dragão e monstros marinhos não eram “mito”, eram realidade; por uma sociedade com o medo profundo do fim dos tempos, de ir para o inferno. Lúcifer retrata muito bem o mundo medieval, um mundo de crença popular, de catolicismo pagão, de repressão. Ele é uma metáfora cristã com vários nomes, Lúcifer, Belzebu, Satã, mas todos remetem ao mesmo sentido, a personificação do mal:

El diablo es una metáfora aplicable al mal em el cosmo, um mal que está em Dios al mismo tiempo que Dios se le opone; el diablo representa el mal transconsciente, transpersonal, que sobrepasa la mala voluntad humana individual; es el signo del mal radical, entratable, pero, em último término, trascendible que hay em el cosmo Quizá actualmente necesitamos outro nombre para esa fuerza. Si es así, ojalá se encuentre alguno. Pero que com eso no se evada, se difumine o se trivialize el sufrimiento.<sup>42</sup>

Portanto, Lúcifer se confunde em sua própria existência, pois ele é simplesmente um símbolo da terrível realidade humana. Uma imagem adaptada ao cristianismo como antagonista ao Bem, Deus. E para Russell foi na Idade Média que ele se formou enquanto adversário de Deus, a partir das diversas contribuições da literatura, da religiosidade popular, do folclore, da arte e da propagação de um catolicismo cada vez mais repressivo.

No entanto, talvez devido ao seu livro anterior, Russell não se preocupa em abordar, mesmo que de modo introdutório, as origens do Diabo, voltando-se primordialmente ao Medieval. Diferentemente do que propõe o professor Carlos Nogueira em sua obra *O Diabo no*

---

<sup>42</sup> RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003, p.398.



*Imaginário Cristão*, em que ele tem como foco o período medieval, mas também se preocupa em entender as raízes por trás do Mal. Essa junção entre as origens e a modelação será o tom adotado pelo próximo historiador a ser analisado. A construção do conceito deixa de ser o foco e as imagens mentais criadas pelo universo cristão passa a ser o método. Compreender o Imaginário é compreender a própria vida prática da sociedade, como veremos a seguir.

## CAPÍTULO II

### O SINCRÉTICO PRÍNCIPE DO MAL

O segundo autor a ser analisado em nossa pesquisa monográfica é o professor Carlos Roberto Ferreira Nogueira. Ele possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (USP), doutorado em História Social também pela USP, livre-docência pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), e pós-doutorado pela universidade de Córdoba, na Espanha. É professor titular na USP, na qual é o integrante mais antigo do atual corpo docente do departamento de história. Medievalista, suas pesquisas direcionam-se no sentido de compreender a própria Idade Média, a península ibérica, o cristianismo e suas instituições e criações, e mais recentemente o reino de Portugal. É coordenador do Grupo de Estudos Medievais sobre Portugal (GEMPO), ligado a diversas universidades nacionais e internacionais, com a seguinte linha de pesquisa: “Poder e Relações de Solidariedade em Portugal Medieval”.

Dentre os estudiosos brasileiros que se debruçam sobre a história do Diabo, Carlos Nogueira se destaca. De início, é importante salientar sua sólida carreira como professor e como pesquisador: desde 1978 leciona em uma das mais importantes universidades da América Latina, a USP; e possui várias publicações de livros e artigos, 8 e 24 respectivamente. Dentre os quais, destacamos aqui seus diversos livros sobre feitiçaria e sua obra sobre o Imaginário do Diabo.<sup>1</sup> Além disso, ao propormos essa pesquisa, desejamos fortalecer os estudos brasileiros acerca do Diabo, e para isso é importante conhecermos a tendência que se impõe através dos historiadores deste país. Por fim, privilegiando a diversidade de teorias, métodos e recortes historiográficos, *o Diabo no imaginário cristão* se distancia dos outros dois livros e autores selecionados, pois predispõe-se a estudar o imaginário, não o conceito ou o intelecto,<sup>2</sup> dentro de um recorte temporal e espacial mais abrangente e diversificado. Portanto, Nogueira é um historiador competente e respeitado pela comunidade universitária brasileira, uma referência

---

<sup>1</sup> Ver (1) NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Nascimento da Bruxaria**. São Paulo: Imaginário, 1995. (2) NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Bruxaria e História: as Práticas mágicas no Ocidente Cristão**. Bauru: EDUSC, 2004. (3) NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Universo Mágico e Realidade: Aspectos de Um Contexto Cultural**. Castilla Na Modernidade. Córdoba-Espanha: Universidad de Cordoba - servicio de publicaciones, 1989. (4) NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.

<sup>2</sup> Como propõem Jeffrey Burton Rousseau e Alain Boureau, respectivamente.

nos estudos medievais e mais ainda sobre o místico e sobre o cristianismo, uma escolha coerente do ponto de vista da região e da variedade historiográfica.

Nesse sentido, a escrita histórica de Nogueira situa-se em um contexto de mudança institucional e intelectual brasileira. A democracia volta e com ela uma abertura cada vez maior para as diversas formas de estudar e compreender o passado. Desde a década de 1930, com Sergio Buarque de Holanda<sup>3</sup> e com Gilberto Freyre<sup>4</sup>, os estudos com Perspectiva cultural são germinados no pensamento acadêmico e intelectual, propondo um olhar muito mais antropológico do passado, entender os códigos imagéticos e mentais que, nem sempre claros, conduzem e fundamentam as diferentes sociedades. Em oposição ao pensamento materialista predominante na década de 50 e 60,<sup>5</sup> as diferentes correntes historiográficas trazem novos estudos sobre temas até então pouco abordados, como as produções de Laura de Melo e Souza<sup>6</sup>, sobre as práticas mágicas no Brasil colonial; Sidney Chalhoub<sup>7</sup>, sobre os últimos anos da escravidão no Brasil; e João José Reis<sup>8</sup>, sobre as práticas e ritos acerca da morte no Brasil Imperial; problematizando concepções até então inquestionáveis e expandidos as possibilidades de pesquisas.

Dentro dessa lógica, Nogueira publica o seu primeiro livro, justamente o que analisaremos, *O Diabo no imaginário cristão*. Nele, o autor buscará compreender como foi construída a imagem desse ser transcendental na história cristã, como um ser com tantas máscaras, nomes e características foi unificado e transformado no ícone maior do mal. Entender o Diabo no imaginário cristão é entender quem ele é, de onde surgiu, por onde passou, por quais mudanças passou e como adentrou na mente de tantas pessoas. Portanto, para adentrar nesse imaginário tão complexo e instável, Carlos Nogueira faz um esforço para entender, desde as raízes do judaísmo à época moderna, as diversas influências e variações da concepção de Demônio, esse ser tão distante, mas ao mesmo tempo tão próximo da mentalidade e da prática cristã. Compreender, portanto, a personalidade do Espírito do Mal será um dos pontos-chave da argumentação. Conhecer-lo se traduz em investigar as diversas contribuições, das diferentes culturas, em sua construção; entender qual a sua importância e sua atuação na vida prática

---

<sup>3</sup>Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>4</sup>Ver FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

<sup>5</sup>Ver JUNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

<sup>6</sup>Ver SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

<sup>7</sup>Ver CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>8</sup>Ver REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

social; e como ele se fundamentou dentro de uma burocracia eclesiástica. A essas questões Nogueira direciona seu livro, a responder quem ou o que é o Diabo e o que ele representa na lógica cristã.

## 2.1 – O DIABO DE CARLOS NOGUEIRA

É impossível entender o Diabo dissociando-o do cristianismo. Para Nogueira “A história do Diabo confunde-se com a própria história do cristianismo”.<sup>9</sup> O desenvolvimento da crença em um Deus capaz de sofrer e morrer possibilita o fortalecimento de um inimigo que enfim parece capaz de contrapô-lo. Aliado a isso, o próprio paradigma existencial se modifica: o foco não mais está na sobrevivência dos povos ante aos ataques de estrangeiros sanguinários (Como a invasão mesopotâmica, grega e romana ao território judeu), mas sim na plenitude da eternidade. A verdadeira vida, que não está no plano físico, mas sim no plano espiritual, passa a ser perseguida como objetivo último das ações das pessoas. É nesse momento que Lúcifer passa a fazer sentido, enquanto simbologia do Mal, enquanto encarregado de evitar a ascensão dos cristãos ao Paraíso. É no Medievo, época de vicissitudes, de transformações, que o Ícone Maior do Mal irá erguer-se.

Entretanto, ainda não está respondida a pergunta fundamental para este subcapítulo: o que é, ou, ainda, quem é o Diabo para Carlos Nogueira? Ora, a informação de que ele se fortaleceu no Medievo, nos traz uma outra, essa implícita. Ele se transformou no que é hoje na Idade Média, mas ele nasceu muito antes. Isso implica dizer que o Diabo é aquilo que a sociedade e o momento histórico necessitam que ele seja. Por trás da maldade intrínseca a este ser, reside um aspecto muito importante: ele representa os anseios e inquietações de um dado povo, uma resposta para problemas fundamentais da psicologia coletiva.

Podemos perceber tal afirmação, e é o que Nogueira argumenta, tomando como exemplo a importante transformação ocorrida da passagem do judaísmo para o cristianismo. No Judaísmo antigo, a ideia de um inimigo poderoso, capaz de enfrentar o Deus onipotente, era desnecessária e impossível. Deus era superior a tudo, aos deuses dos povos rivais e as suas próprias criações, os demônios só faziam sentido entendidos como seres inferiores ou submissos a Deus. Já no surgente cristianismo, o sentido muda:

Ao contrário de Yahvé no antigo testamento, Deus agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios. Os evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as Epístolas de Paulo e o Livro do Apocalipse trazem abundantes alusões a essa luta formidável. Daqui por diante, Satã é o *grande adversário*, tendo por missão combater a religião que acaba de nascer e que

---

<sup>9</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.11.

será no futuro o cristianismo; Satã é o inimigo implacável de Jesus e seus discípulos, tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder seus corpos e almas.<sup>10</sup>

Lúcifer passa então de simples laçao a chefe das hordas de demônios ávidos por destruição e sedentos por pecados humanos. Cria-se um dualismo jamais visto em toda história judaico-cristã. Há o Mundo de Deus e o Mundo do Maligno, em que Lúcifer irá, em uma luta interminável, buscar corromper a alma dos homens e afastá-la dos caminhos da salvação. Uma verdadeira Guerra pela Salvação, na qual o próprio homem, através do livre arbítrio, se encarrega de resistir às tentações do mal e manter sua alma intacta para o verdadeiro mundo: o Paraíso.

Há, nessa nova lógica, um outro fator fundamental: a união em um só personagem dos diversos demônios superiores. A serpente que tentou Adão e Eva, o demônio que tentou Cristo, o anjo caído, o dragão do apocalipse, todos passam a ser um só, o próprio Mal. Lúcifer, Satã, Belzebu, Diabo, vários rostos que traduzem um mesmo sentimento, complexo em seus diversos entendimentos e percepções, mas prático como o ar na vida dos cristãos. Esse antagonista passa, portanto, a fazer parte agora de forma institucionalizada nos fundamentos do cristianismo, de modo que “pouco a pouco, o Espírito do Mal passa a integrar o dogma central do cristianismo, ou seja, o da queda do homem, do pecado original e da redenção pela morte do Messias na cruz”.<sup>11</sup>

Esse novo sentido para os demônios, como veremos mais a frente, tem sua gênese na própria religião judaica cujas influências fomentaram uma tímida construção demonológica. Aliado a isso, as diversas e incessantes práticas e tradições pagãs influíram de todo modo na solidificação desse novo mundo repleto de criaturas malignas lideradas pelo seu príncipe das trevas. Esse cristianismo sincrético ira modelar as tradições e permitir a sua expansão. Tudo que for possível ser assimilado será, e todo o resto será demonizado e colocado como paganismo. Portanto, o próprio Espírito do Mal será construído a partir de crenças populares há muito tempo arraigadas no imaginário popular, seres com chifres, cheios de pelos, sátiros, tudo apropriado pela burocracia cristã. Como bem nos mostra Nogueira,

Essa apropriação por parte do cristianismo de idéias [sic] e cerimônias emprestadas às religiões politeístas tem a sua contrapartida no delineamento mais límpido de sua teoria demonológica. Tudo o que ele repeliu energicamente como demasiadamente pagão, como contrário a seus dogmas, como impuro e ímpio, refugiou-se no reino do Mal. Aos demônios foram emprestadas as imagens que os antigos atribuíam às suas divindades infernais.

---

<sup>10</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.25.

<sup>11</sup> Ibid, p.28.

Eusébio encontra na descrição do Hades fornecida por Platão, a morada da perdição, que assume para os cristãos os nomes pagãos de Tártaro e Inferno.<sup>12</sup>

Por fim, para a delineação desse ser maligno, é importante ter em vista um fator fundamental: a visão do Diabo por parte da religiosidade popular não se traduz na pregação oficial eclesiástica. As dificuldades de transmissão dos ideais cristãos para a população será fator determinante para que as práticas cotidianas fossem norteadas muito mais pela tradição hereditária, pagã, do que pela bíblia em latim da igreja. Isso irá gerar um catolicismo dual, que será tensionado a partir das pregações, para a camada popular, dos franciscanos e dominicanos.

Portanto, o Diabo é um ser sincrético, formado com base nas diversas contribuições das diferentes crenças, em diversos tempos históricos. Cada um desse tempo será marcado pelo Demônio que condiz com a realidade prática do pensamento religioso. Seja submisso a Deus ou Antagonista dele, Satã corresponde às particularidades e contradições da própria sociedade, agindo como complementação ao próprio Deus, hora fortalecendo-o como onipotente, hora combatendo-o como inimigo. Para compreendermos todas as facetas dessas relações conflituosas e nada estáveis, um dos caminhos é entender as imagens criadas pela psicologia coletiva e pela própria individualidade intrínseca ao pensamento humano. Entender o imaginário dos cristãos acerca do Lúifer é parte fundamental na tentativa de conhecê-lo. É por esse caminho que o professor Carlos Nogueira se direcionará.

## 2.2 – O DIABO E O IMAGINÁRIO

A concepção historiográfica do estudo do imaginário gera uma certa ambiguidade, justamente pelo fato dela se confundir muitas vezes com o estudo das mentalidades ou até mesmo com os estudos culturais. Nesse sentido, é preciso estabelecer delimitações claras dentro daquilo que propõe Carlos Nogueira.

Entender o imaginário cristão acerca do Diabo não significa entender o sentimento coletivo sobre o que ele representa, ou seja, a mentalidade acerca dos modos de senti-lo, e em última instância de sentir o próprio Mal. Não se busca entender um padrão de sentimento coletivo que permaneça no tempo da Longa Duração. A ideia fundamental é compreender os símbolos, signos e significados das imagens de um ser específico, criado pela sociedade e que com ela interage. As complexas construções verbais, não-verbais, ou até mesmo mentais estão sempre em constante transformação, um processo dicotômico que traduz as inquietações sociais em um rico mundo imagético, que por sua vez legitima e organiza o mundo concreto.

---

<sup>12</sup>NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.36.

Dessa forma, não podemos entender o Imaginário como um tipo de pensamento abstrato, ele está presente, como se de fato fosse um aspecto verdadeiro da vida concreta. Isso se traduz no estabelecimento de uma relação de diálogo em que as imagens criadas pelas pessoas sustentam as suas próprias ações. É o Diabo que está por trás das “bruxas”. É o Diabo que traz a peste. É o Diabo que está a todo momento nos fazendo pecar.

Nesse sentido, percebemos uma certa aproximação com as relações de práticas e representações.<sup>13</sup> E de fato os dois campos muitas vezes se entrelaçam. No entanto, Le Goff afirma que “o imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transporta em imagem do espírito mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra”.<sup>14</sup> Para ele, a lógica de estabilidade não se forma no imaginário, ele é instável, totalmente aberto as renovações e modificações.

De modo mais claro, utilizaremos aqui a definição de José D’Assunção Barros sobre o estudo do imaginário, acreditando que seja a mais coerente com as ideias abordado no livro. Para esse autor, pode-se caracterizar o Imaginário como [...] “um sistema ou universo complexo interativo que abrange a produção e circulação das imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”.<sup>15</sup> É justamente nesse sistema complexo que Nogueira irá se debruçar. Para isso, o autor lançará mão de algumas ideias fundamentais, as quais serão inicialmente apontadas aqui e mais afrente retomadas.

A primeira delas, já exposta, é a de que a imagem do Diabo varia de forma a se adequar nos paradigmas e características das diferentes sociedades. É essa característica que possibilita percebermos diversos Diabos. O Diabo Judeu, fraco e incompatível com o poder de Deus. O Diabo do início do Cristianismo, combatido como ser que tentava de tudo para coibir o crescimento da nova religião. O Diabo católico, capaz de se antagonizar com Deus e de reinar no mundo, devastando vidas e afastando os bons cristãos do reino dos céus. O Diabo do fim do Medievo, cada vez mais real e poderoso, cooptando mulheres e homens para fazerem parte de seu exército. Por conseguinte, ele se molda de modo a fazer sentido à sua época, nunca esteve estático e nunca estará.

Uma segunda ideia diz respeito justamente ao caráter sincrético do Diabo. Influências da cultura judaica, da cultura dos povos meopotâmicos, da cultura greco-romana e das diversas

---

<sup>13</sup>CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

<sup>14</sup>LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 12. No prefácio desta obra, Le Goff traz um interessante ensaio acerca dos estudos sobre imaginário.

<sup>15</sup>BARROS, José D’ Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004, p.93.

crenças pagãs medievais se convergem no sentido de materializar um ser tão multifacetado. Anjo de Luz ou Monstro com cifres, as diversas aparências do Mal são deformações de diversas crenças, que apropriadas de modo a dar sentido à sua própria existência, corroboram para formação de um Demônio com vários rostos, sentidos e funções.

Um outro pensamento importante é do que verdadeiramente podemos estudar o Diabo a partir do cristianismo, ou seja, é a partir da morte do Messias que o Antagonista passa a fazer sentido. Não obstante às influências de culturas e sociedades anteriores, é o catolicismo e o cristianismo popular que possibilita a ascensão de Lúcifer. A própria igreja católica utilizar-se-á dele como mecanismo de controle social, como forma de expandir-se em importância e como forma de advertir os cristãos do perigo do pecado. Dentro desse contexto, destaca-se a importância da intelectualidade e a vontade eclesiástica: a escolástica de Tomás de Aquino funda a demonologia católica e o monasticismo mendicante incute o Diabo, cada vez mais real e perigoso, no imaginário popular.

Por fim, como resultado prático para todo esse culto à personalidade de Satã, ao invés de destruí-lo e de fortificar o corpo e a alma dos cristãos, o fetiche católico e popular pelo Diabo acaba por fortalecê-lo, de maneira que ele se torna concreto na vida das pessoas. Um estado de histeria coletiva que irá atribuir ao Mal todas as desventuras possíveis, e que irá colocá-lo em todos os lugares, desde uma poça de água da chuva a atitudes estranhas ou doenças inexplicáveis. O Diabo é, enfim, o comandante do mundo. Esse medo profundo, corroborado pelas tragédias do fim da idade média (Peste Negra, Guerra dos Cem Anos, Grande Cisma) e pelo cada vez mais propagado perigo escatológico, possibilitará as incessantes e irracionais perseguições dos séculos XV, XVI e XVII. A idade moderna irá nascer dominada pelo Príncipe do Mal.

Todas essas ideias centrais fazem parte um instigante debate proposto pelo professor Carlos Nogueira. Durante o livro, ele irá percorrer os rastros do Demônio desde a antiguidade à modernidade, no intuito de compreender as razões pelas quais um ser abstrato pôde se materializar na vida concreta das pessoas, como é possível uma criação do discurso religioso se tornar realidade viva no cotidiano popular. Portanto, ao analisar o Diabo, buscaremos suas origens, suas influências, sua institucionalização, sua importância no imaginário cristão, seu uso pelo catolicismo medieval e sua fundamental participação em eventos extremamente violentos no fim do período medieval. É o que veremos a partir de agora.



## 2.3 – A CONSTRUÇÃO DO DIABO

Como já colocado, não é possível estabelecer uma personalidade para o Diabo. Ela passou por diversas transformações, reinterpretações e ressignificações. Entretanto, o núcleo de sua origem é encontrado na tradição hebraica primitiva, inicialmente não como um personagem que se antagoniza com Deus, pois:

A princípio, os primitivos hebreus não tinham necessidade de corporificar uma entidade maligna. Para eles, *jahveh* era um deus tribal e, como tal, superior aos deuses das populações vizinhas, que se colocavam, assim como seus adversários e como expressões naturais da maldade, tornando supérflua qualquer encarnação suplementar do Mal [...].<sup>16</sup>

Não era possível, portanto, o Mal ganhar uma forma, dado que o próprio Deus era superior a qualquer outra entidade. Os inimigos vizinhos, estes sim, por essência ocupavam o papel de desafiar a soberania divina, num esforço inútil de se opor a um ser que, na visão dos descendentes de Israel, era imbatível e inigualável. O que explica o Mal são os sempre duráveis conflitos com outros povos. Não é preciso, nem possível, criar uma perversidade maior do que a própria violência cotidiana, o inimigo não está na própria comunidade, está na do outro. Os deuses dos inimigos acabam se tornando os demônios do hebreu.

Essa lógica passa por uma renovação a partir do contato cada vez mais próximo com outras culturas. Até então não havia uma demonologia, com hierarquias, classificações. O que havia eram espíritos malignos enviados pelo próprio Deus como forma de punição, poucas menções a demônios nos livros sagrados, e uma tradição popular pouco difundida que acreditava vagamente em práticas mágicas e superstições. Para Nogueira,

O momento decisivo para a formação de uma hierarquia demoníaca foi o cativeiro de babilônia, no século VI a.C. Nesse período, reavivam-se antigas crenças tribais que, perpetuadas à margem da crença oficial, ganham maior conteúdo e densidade em contato com tradições mesopotâmicas comuns, sistematizadas e amplificadas em um sistema mágico-religioso coerente.<sup>17</sup>

Esse período em que o povo Hebreu é subjugado e retirado à força de sua terra será fundamental para a modelação de novos conceitos religiosos. O contato com o macedônio proporcionou uma apropriação cada vez mais clara da divisão entre Bem e Mal, uma realidade dividida em princípios antagônicos fundamentais, em que Deus representa o lado positivo, mas o lado negativo ainda estava vago. Por outro lado, o contato com os Caldeus promove a associação de uma hierarquia demoníaca muito bem desenhada, tendo como foco principal a

---

<sup>16</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.13.

<sup>17</sup> Ibid, p.17.

ideia de um líder que chefiava a todos os outros, Lúcifer tem suas raízes, porém ainda vago e pouco sistematizado. Outros povos neste fundo mesopotâmico contribuíram para elaboração ou fortalecimento de referências como o Dragão, presente no antigo testamento; o Anel de Salomão, usado para controlar demônios; e a primeira mulher de Adão, Lilith; práticas e tradições que até então possuía pouca relevância e que irão começar a povoar a mentalidade hebraica.

Do mesmo modo, o contato com os gregos também foi fundamental na construção desse imaginário. É a partir da influência helenística que se formará uma sistematização do personagem maligno. Será produzida nesse período uma verdadeira literatura sobre o demoníaco, atribuída a grandes personagens bíblicos, mas, na realidade, apócrifa. Além disso, a própria Teogonia contribui no sentido de estabelecer uma hierarquia, dos seres superiores e inferiores, traçando uma clara distinção entre anjos e demônios e fornecendo um líder para cada lado. Os símbolos e imagens gregas, a exemplo dos sátiros e dos faunos e do tártaro também emprestarão novas referências aos hebreus. Portanto, esse

É o primeiro momento de glória de Satã: a sua grandiosidade, negada pelo Antigo Testamento será devidamente estabelecida pela literatura apócrifa e posteriormente reconhecida pelos Evangelhos e pelo Apocalipse de São João, onde Satanás assume o lugar de príncipe das trevas, responsável pela perdição do gênero humano. Desenvolve-se uma distinção mais nítida entre anjos e demônios, incorporada nos contatos com os povos vizinhos, e constitui-se uma doutrina escatológica, até então ausente entre os hebreus, uma vez que a preocupação de sobrevivência da nação suplanta a preocupação individualista de salvação da alma no Além, impedindo uma verdadeira figuração do outro mundo.<sup>18</sup>

Esse mundo dualista, com uma nova e primordial função de salvação da alma será o plano de fundo ideal para o crescimento de Satã. O princípio escatológico do cristianismo estabelece uma questão bem clara para os seus seguidores: a verdadeira vida não é no plano terreno, ela é eterna no Além. O inferno se mostra presente e fundamental nesse novo imaginário, um lugar para o qual ninguém deseja ir. O sistema de recompensa e punição estava instaurado, os bons herdariam o júbilo eterno, e os maus a dor e sofrimento.

O alvorecer do cristianismo será marcado, nesse sentido, por uma clara visão do Diabo como antítese de Jesus. Toda a literatura apócrifa será retomada para dar sustentação a essa ideia, fornecendo uma vasta legião de demônios dispostos a tudo para danar a alma dos cristãos. Enquanto Cristo salva as almas, Lúcifer as destrói. Essa salvação cristã possibilitará um certo sentimento de vitória: a morte do Messias significa ao mesmo tempo a derrota de Satã, e fornece

---

<sup>18</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.22.

ao homem a possibilidade de se defender das Trevas. Por isso, em seus primeiros séculos, “a fé que transporece ao longo das páginas do Novo Testamento é aquela de uma igreja ao mesmo tempo jovem e militante”.<sup>19</sup>

Essa fé poderosa, que permite expulsar demônios de corpos, reflete-se no triunfo da fé cristã e na queda do paganismo. Não obstante, no cotidiano popular e em algumas camadas da elite o paganismo sobrevive. E dentro do rol de fortalecimento e crescimento da nova religião ele será importante, à medida que muitas de suas práticas e vivências serão assimiladas. Entretanto, dentro do novo desenho demonológico institucionalizado, as práticas pagãs também foram muito úteis: tudo que, por qualquer motivo, não se agregasse ao cristianismo, era demonizado, inclusive os deuses pagãos antigos.

Percebemos, assim, que

[...] em seus primórdios, o Cristianismo assumiria duas tendências que coexistirão por longo tempo, em oposição: uma conciliadora, outra intransigente. A primeira tendia a aceitar os elementos das crenças já incorporadas à cultura clássica que impregnavam a mentalidade popular, buscando redimensioná-las numa hagiografia cristã [...]. No extremo oposto, como vimos anteriormente, encontramos a outra tendência de intransigência absoluta, motivada pela propagação das heresias que acompanham o desenvolvimento do cristianismo.<sup>20</sup>

Dessa forma, os resquícios pagãos ainda sobreviveram no cotidiano individual, gerando uma certa perspectiva de que o mal é difícil de ser derrotado. Por isso, o paganismo precisa ser combatido e o é de forma cada vez mais forte. A dicotomia Bem e Mal se traduz em um duelo entre catolicismo e paganismo, numa guerra pela alma em que o cristão exerce a função crucial de pugno e de fé. O mundo criado por Deus se transforma no mundo governado por Lúcifer e seus seguidores, sejam eles oriundos dos fenícios, dos gregos ou dos germânicos, sejam eles belos ou tenebrosos, irão estar presentes na vida das pessoas.

Com o crescimento cada vez mais forte do Cristianismo em face da derrocada do paganismo, um vazio institucional se estabelece: o Diabo irá ocupar definitivamente o posto de representante direto do Mal. Ele está definitivamente vivo. Uma resposta prática para a necessidade da própria Igreja, tendo em vista que caso contrário, e ele estivesse permanentemente derrotado, ela não teria mais função na Terra, uma vez que estaríamos livres e agraciados pela salvação do Senhor. O catolicismo irá incorporar e ampliar o discurso do Diabo.

---

<sup>19</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.28.

<sup>20</sup> Ibid, p.37.

Apesar de sua queda perante Cristo, Lúcifer ainda é um grande oponente, e irá demonstrar sua face tentadora e vingativa de forma progressivamente intensa. Ele estará presente em todos os lugares e momentos, trabalhando intensamente para corromper a alma humana, principalmente das mulheres, vistas como seres abertos à sua interferência. Esse poder maléfico irá gerar um forte sentimento de revolta por parte dos cristãos contra os artifícios malignos. Para Nogueira, um envolvimento tão forte que aponta as raízes de um catolicismo violento nos séculos doravante. Segundo ele:

Todos os acontecimentos para os quais não havia explicação eram preferencialmente atribuídos a eles. Não causa surpresa que essa coletividade cristã vá se tornar, poucos séculos mais tarde, terrível e furiosa. Indignidade por se sentir tão fraca em face do poder dos demônios, ela vai persegui-los de todas as maneiras e em todos os lugares.<sup>21</sup>

Dessa forma, os demônios passam de seres condenados a ciclos derrotas, para seres poderosos capazes de destruir a própria humanidade. Até mesmo os integrantes do corpo eclesiástico e os santos estavam expostos às tentações e ataques dos Espíritos do Mal. O foco agora deixa de ser o exterior do homem e passa a ser o seu aspecto profundo, seu próprio espírito interior, suas vontades e cobiças que vivem escondidas, sufocadas pela razão cristã, em estado de negação profunda. É aí que o Demônio age, transformando totalmente seu plano de ação, como nos afirma Nogueira:

Daqui para diante, os demônios não são mais simples inimigos externos, condenados a ser vencidos muitas e muitas vezes pelos propagadores de uma fé militante, até o que seriam, enfim, aniquilados para toda eternidade. Eles invadiram os menores espaços da vida e, sobretudo, se introduziram na alma dos indivíduos. Não são mais imaginados como criaturas maléficas provocadoras de calamidades e epidemias; eles são chamados a representar os desejos que cada cristão alimenta no fundo do seu coração sem se atrever a reconhecê-los como seus.<sup>22</sup>

As ideias sobre o Diabo, até então dispersas e incompletas, passam, em meados do século XII, por uma racional sistematização dogmática. Mas é no século XIII, com Tomás de Aquino, que ele se torna mais forte do que nunca, o verdadeiro presidente do mundo. A escolástica atribui a Lúcifer o poder de um Anjo Superpoderoso, que, malgrado à queda do paraíso, mantinha seus poderes celestiais e os utilizaria de todos os modos contra o homem, seja atacando-o, seja cooptando-o através do pacto.

---

<sup>21</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p. 42.

<sup>22</sup>Idem, p.49

Poderes frente aos quais os homens sozinhos não possuíam forças para defesa, sobrando essa tarefa para a Igreja. Isso se reflete na própria arte cristã, que aos poucos representam um Diabo, ainda que impotente em relação ao Deus Hebraico, extremamente forte em relação ao homem e competitivo em relação a Cristo. O sofrimento humano e a morte do Cordeiro darão o tom nas produções artísticas. Somem as ambiguidades e

Com Aquino e seus contemporâneos, o folclore anterior torna-se rigorosa e complexa doutrina da Igreja. Os demônios são anjos malignos que tinham a capacidade de animar corpos e comunicar seus conhecimentos e mandamentos aos homens. Compunham um exército hierarquicamente organizados sob o comando de Satã, trabalhando para a perdição da humanidade.<sup>23</sup>

Essa Insurreição do Mal irá gerar um medo institucionalizado na mente da população. Mesmo em muitos casos em que os relatos apontam que as pessoas não tinham contato direto com demônios, elas os enxergava de modo prático: mesmo não existindo ele era real. O onipotente Diabo já não pode ser combatido com métodos usuais (vida regrada, objetos sagrados), e de certa forma Deus era conivente com isso. Dessa forma,

A partir do século XIII, o medo do Diabo aumenta sem cessar, e essa reviravolta na percepção da cristandade dos poderes e contínuas vitórias de Satã encaminhou a Europa ocidental para uma onda de pânico generalizado, na qual a crise do século XIV – a grande crise do feudalismo –, com a intensificação das catástrofes e aumento da miséria provocou o delírio das consciências aterrorizadas, que buscavam no Demônio e seus sequazes os responsáveis pelos sofrimentos da coletividade.<sup>24</sup>

Com o fortalecimento do inimigo, a cristandade toma uma atitude importante: identificá-lo, compreendê-lo e preveni-lo. Para isso, os teólogos irão fundar uma linha de interpretação das questões do Mal, a demonologia, e irão estabelecer verdadeiros manuais de caça aos demônios, no intuito de exorcizá-los da vida na comunidade. Nesse sentido, os paradigmas cristãos estabelecem que eles podem estar em qualquer lugar, em qualquer pessoa, em qualquer hora, gerando uma reação histérica das pessoas em relação à presença demoníaca. Para Nogueira, “[...] a comunidade cristã via-se submergida em um delírio persecutório, presa a um estado mental no qual surgia constantemente a dúvida de identidade dos próprios amigos”.<sup>25</sup>

Os esforços em classifica-los e hierarquiza-los constituíra parte fundamental dessa nova demonologia. A discussão sobre a quantidade e as classes dos demônios, e também dos

---

<sup>23</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.56.

<sup>24</sup> Ibid, p.60.

<sup>25</sup> Ibid, p.62.

anjos, ocupará boa parte do pensamento teológico; além disso, a unificação dos diversos nomes e representantes do Mal – Lúcifer, Belial, Belzebu, Demônio – em um mesmo Diabo será também bastante debatido. Isso estabelece-se na “tentativa de emprestar ordem e coerência à demonologia”.<sup>26</sup> Toda essa construção forma um imaginário ainda mais robusto acerca de Lúcifer e seus aliados. Para Nogueira, “o Reino do Diabo aparecia para os homens, no final da Idade Média, como uma vasta e organizada monarquia presidida por Satã e secundada por príncipes, duques, marqueses, condes e prelados”.<sup>27</sup>

Incute na mentalidade das pessoas todo esse terror, surge com força uma outra figura fundamental no imaginário diabólico, o Anticristo. Este ser que é a antítese de Cristo e que será responsável pelo fim do mundo aumentará ainda mais o profundo sentimento de pânico, em que “a ameaça de sua vinda e os horrores da guerra, pragas, fome e destruição que traria consigo acrescentavam novos tormentos às consciências já extremamente angustiadas”.<sup>28</sup> E com ele a imagem de um inferno extremamente violento, cheio de tortura e de dor, será doravante disseminado na psicologia coletiva.

Para além disso, a própria Sociedade Feudal passava por graves problemas estruturais, desde o século XIV, que afetavam a todos. A Peste Negra, as revoltas urbanas e camponesas, a decadência moral do papado, o Grande Cisma e a reforma protestante são imagens que refletem uma sociedade que possui graves contradições e que está passando por intensas transformações. Tudo isso não ocorrerá de forma amena ou sem traumas, pelo contrário: as próprias pessoas é que pagarão o preço da mudança.

A necessidade de encontrar soluções e explicações plausíveis para todas essas questões será frustrada, cedendo espaço para vagas hipóteses, que, não se encaixando no espectro da razão, irão se utilizar da paixão religiosa. Como nos aponta Nogueira, “Na tentativa de explicar as desgraças vividas, os teólogos elaboram hipóteses explicativas que originam novos e maiores terrores que aqueles materialmente vividos”.<sup>29</sup> Ao invés de apaziguar o mundo, a Igreja o torna ainda mais calamitoso.

Dentro dessa lógica da pedagogia do medo, as ordens mendicantes terão papel marcante. São os franciscanos e dominicanos os responsáveis pela popularização da fé, tendo como motor fundamental a pregação direta. A fé deixa de ser assunto de clérigo e passa a ser assunto do povo. O uso das imagens, do teatro e dos sermões será um marco no intuito de educar

---

<sup>26</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.74.

<sup>27</sup> Ibid, p.76.

<sup>28</sup> Ibid, p.77

<sup>29</sup> Ibid, p.83.

religiosamente as massas. Os temas da morte e do pós-vida foram imbuídos na consciência popular, propagando um medo profundo dos possíveis castigos eternos, de tal modo que a burocracia católica chegara a proibir essas pregações. O próprio combate assíduo ao Demônio o fortalece. O perigo escatológico irá dominar a nova vida. Como nos aponta Nogueira, “[...] a partir do século XIV se produz na Europa uma intensificação e uma difusão jamais vista, do medo do fim do mundo. Ouvia-se a trombeta do último dia a todo instante [...]”.<sup>30</sup>

A Terra se transformara em um campo de batalha dualista, em que o cristão precisa se esforçar constantemente em se proteger dos perigos do Mal. O medo ultrapassa a paz na pregação católica, transplantando na mente das pessoas um terror impossível se dissociar. Por isso que “[...] os sermões, difundidos a partir do século XIII, além de implantar um pânico em relação ao Diabo, causavam tanto impacto na sensibilidade e imaginação coletiva”.<sup>31</sup>

A salvação se torna uma possibilidade cada vez mais remota. Ao mesmo tempo, a verdadeira vida está justamente no espiritual, no mundo que está por vir. O problema é que ele poderia jamais chegar. Essa realidade toma conta do pensamento cristão no fim da Idade Média, o problema da salvação será o maior interposto entre o pânico e paz. Portanto, como Nogueira nos afirma, “o antigo cristianismo cedeu lugar à angústia generalizada. O julgamento final colocaria os eleitos no paraíso, mas quem poderia afirmar que estaria com segurança que estaria entre os bem-aventurados à direita do Grande Juiz? O último dia da humanidade aparecia como aquele da cólera: *Dies Irae*, a Ira Divina”.<sup>32</sup>

O raiar da modernidade será marcado, portanto, por um profundo medo do Diabo e de seus seguidores, o que ficará ainda mais delineado com a arte renascentista (reforça as imagens do inferno e do Demônio como terríveis) e com a literatura (*malleus maleficarum*). De tal modo que “[...] foi no início dos Tempos Modernos e não na Idade Média, que o Inferno, os seus habitantes e os seus seguidores, ocupam o cenário principal do Imaginário europeu”.<sup>33</sup> Um novo período em que a perseguição ao Mal e aos seus representantes e integrantes ocupará um espaço jamais visto na mentalidade europeia, materializando o medo não somente das catástrofes e calamidades terrenas, mas também dos perigos do pós-morte.

---

<sup>30</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.88.

<sup>31</sup> Ibid, p.92.

<sup>32</sup> Ibid, p.95.

<sup>33</sup> Ibid, p.95.

## 2.4 – OS RASTROS DO DEMÔNIO

O livro do professor Carlos Nogueira nos fornece uma série de informações sobre a construção e a importância do Diabo no imaginário e na vida prática do cristão. Com a ambição de compreender o ícone do mal desde suas origens, na tradição hebraica antiga, ao fim da Idade Média, essa obra perpassa momentos fundamentais da história do próprio Cristianismo. Nessa perspectiva dual, ele nos apresenta o Satã como um dos motores fundamentais para a solidificação da fé católica. Ele ocupa dentro desse universo imagético a função primordial de rival de Deus, mesmo não podendo derrotá-lo, de alguma maneira atua com sua conivência.

Originário de um emaranhado de crenças e imagens de diversas religiões antigas – deuses inimigos, seres monstruosos –, Lúcifer será moldado, verdadeiramente, na Idade Média. É nesse momento que ele passa a fazer parte dos dogmas cristãos e terá sua força ampliada enormemente. De inofensivo perante o poder de Deus, passará a príncipe do mundo, digno de medo e regente da vida das pessoas. Com a mudança de perspectiva no cristianismo, o foco capital deixa de ser a sobrevivência grupal e passa a ser a busca pelo Paraíso, sempre distante, face a um Inferno doloroso e cada vez mais real.

Para fundamentar sua pesquisa, Nogueira se utiliza de diversas fontes, dentre as quais as obras teológicas de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, e de Tomás de Aquino, *Suma Teológica*; a Bíblia; crônicas medievais; textos medievais sobre a feitiçaria e heresia, dicionários temáticos sobre o Mal cristão, entre outras. Nesse aspecto, percebe-se uma falta de variedade maior de fontes. Não identificamos muitos documentos sobre o que pensava a camada popular, como também não conseguimos analisar de que modo Nogueira problematiza as fontes. Ele praticamente não utiliza fontes de forma direta no texto, o que pode ser normal, mas acreditamos que para compreender o imaginário, é fundamental que tenhamos contato de forma mais direta com o discurso dos indivíduos.

Da mesma forma, não fica clara as relações que o autor estabelece com a historiografia até então produzida, quais os conceitos que ele se apropria, quais ideias que ele defende ou se contrapõe. É notável seu esforço de defender uma análise do imaginário, entendido como uma série de signos e significados criados pelas pessoas e que age na vida destas, entretanto o livro deixa a impressão de que é uma obra fora do contexto historiográfico.

Algumas de suas ideias são apresentadas de modo bastante interessante, mas alguns problemas também são notados. O autor não estabelece uma demarcação clara dos tempos históricos, a história avança sem nos situarmos de forma clara à qual século se refere o



historiador. Do mesmo modo algumas explicações são expostas de modo confuso, as mudanças e dissidências não são muito bem demarcadas no tempo, no espaço e no próprio imaginário.

Mesmo assim, uma qualidade do autor é indiscutível: sua qualidade em escrever de forma sucinta e clara. Não obstante a uma certa confusão em alguns momentos, o livro é bastante acessível, tanto para historiadores, como para o público geral. E, nesse sentido, acreditamos que é a este que o livro se direciona. Para além da contribuição historiográfica, o livro é destinado para qualquer pessoa que tenha interesse em adquirir conhecimentos sobre a história do Diabo.

Por fim, concluímos que, compreendendo o Diabo estamos ao mesmo tempo compreendendo o Cristianismo, conhecendo suas ideias e adquirindo ferramentas para nos situarmos na história e na nossa própria vida social. Satã não está somente no mundo das ideias ou das representações, ele vive e reina na vida concreta, como nos mostra Nogueira declara em suas palavras, “O Demônio não é apenas a simbolização do Mal, mas uma presença e evidência em todos os momentos”.<sup>34</sup>

Nessa lógica, percebemos uma ideia pouco aprofundada na obra, mas que chama bastante atenção: a de que podemos entender as raízes da loucura persecutória dos séculos XVI e XII na Idade Média. A fraqueza das mulheres, a ideia de que o Diabo está em todo lugar serão construídas nesse período, como nos aponta Nogueira, “Em toda parte se vê o diabólico, o mundo inteiro é por ele invadido. E sua vítima é, por excelência, a mulher. Porque a mulher está mais predestinada ao Mal que o homem, segundo os textos bíblicos”.<sup>35</sup> Além disso, a perseguição aos “adoradores do Diabo” também é fundada nesse período, segundo suas palavras,

Para o fiel da religião, os adoradores do Demônio representam a total inversão dos valores: praticam toda a sorte de costumes imorais, aberrações, em suma, enfrentam os mandamentos de Jesus, praticam os atos mais imundos e contrários a toda decência. A história subsequente do Diabo confunde-se com as perseguições aos judeus, aos feiticeiros e à grande “caça às bruxas” da Europa Moderna.<sup>36</sup>

E no século XIII tudo isso será expandido de forma substancial com o advento da escolástica. Tomás de Aquino e os seus pensadores irão fornecer a Satã um poder jamais visto. Baseando-se em informações nesse sentido, Alain Boureau desenvolverá sua tese, em que busca

---

<sup>34</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000, p.101.

<sup>35</sup> Ibid, p.42.

<sup>36</sup> Ibid, p.50.

comprovar o surgimento da caça às bruxas e aos heréticos nos séculos XVI e XII, justamente no Ocidente Medieval, no século XIII. É o que veremos no próximo capítulo.

### CAPÍTULO III

#### O NASCIMENTO DA IRRACIONALIDADE CRISTÃ

Dando sequência à análise historiográfica do Diabo por tendências, o último Historiador selecionado é o Medievalista francês, Alain Boureau, que é diretor de estudos na École des hautes études en sciences sociales, na qual fundou e coordena o Grupo de Antropologia Escolástica (desde 1993). Seus esforços de pesquisa têm sido empreendidos nos estudos acerca das ordens mendicantes e debates intelectuais no século XIII e XIV.

A escolha deste autor seguiu a mesma coerência do primeiro: Boureau possui várias obras publicadas, 15 no total; possui uma solidificada carreira como pesquisador e professor; possui obras bastante respeitadas dentro do campo historiográfico; fez parte do Grupo de Antropologia Histórica do Ocidente Medieval, liderado por Jacques Le Goff; e a sua obra aqui analisada também foi publicada no Brasil.

Para pensarmos a historiografia produzida por Alain Boureau é preciso entender o seu pensamento em relação à Antropologia Histórica. Este tipo de abordagem histórica se fortaleceu no mundo de modo mais forte depois da solidificação dos Annales, principalmente os da terceira geração, representados por pesquisadores como Jacques Le Goff. Esse tipo de corrente prega o entendimento do cotidiano, da cultura e dos hábitos dos diversos grupos sociais. A antropologia histórica implica em empatia histórica, entender o outro a partir do mundo, dos códigos e dos signos do outro.<sup>1</sup> Discípulo do francês, Boureau possui uma relação forte com o estudo antropológico, exemplo disso é a sua obra publicada sobre a Legenda áurea<sup>2</sup>. Ademais, desenvolveu um novo tipo de antropologia para a análise histórica, a Antropologia escolástica, conceito que detalharei posteriormente.

Dessa forma, essa aproximação com a Antropologia o fez ter uma nova visão sobre o pensamento intelectual no medievo. Seus estudos sobre o pensamento escolásticos são bastante desenvolvidos. Sendo assim, um importante autor da historiografia contemporânea e que procura analisar a formação do mal a partir do pensamento escolástico e intelectual.

---

<sup>1</sup> BARROS, José D' Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.

<sup>2</sup> BOUREAU, Alain. **La Légende dorée**: le système narratif de Jacques de Voragine († 1298). Éd. du Cerf, 1984.

### 3.1 – O SATÃ DE BOUREAU

De início, é preciso desfazer uma ideia: Boureau não estuda o Demônio em si, ele estuda os demônios. É importante entender essa clara divisão entre estes, seres inferiores que trabalham em torno do líder, e aquele, entendido como o anjo caído, que tentou Eva e que comanda o exército de demônios contra a humanidade. A minha intenção nesta pesquisa era justamente compreender as concepções historiográficas acerca do Diabo entendido como ser individual supremo, no entanto a prática historiográfica não é nem pode ser linear, objetiva. Todo o historiador sempre se deparará com estes tipos de problemáticas: nossa hipóteses e ideias iniciais nem sempre podem ser concretizadas. Portanto, continuarei a análise de modo a entender as contribuições do autor para a compreensão da demonologia, o que, em última instância, pode nos revelar muito sobre o ícone maior do mal.

Parte instigante da obra é o prefácio.<sup>3</sup> Nele a professora Néri de Barros Almeida faz um esforço para desconstruir o pensamento, há muito tempo cristalizado, de que, durante toda a Idade Média, o Diabo exerceu papel fundamental e, mais ainda, uniforme. Essa reflexão é muito importante não só no sentido de entender qual a visão das pessoas sobre um conceito específico, mas muito mais como um dos motores fundamentais de combate às trevas medievais. A imagem de uma sociedade aprisionada em correntes psicológicas malignas vem sendo rebatida, a favor da ideia de que as pessoas viviam até determinado momento sem essa preocupação exacerbada acerca do príncipe das trevas.<sup>4</sup> Essa é uma das percepções defendidas pelo autor aqui estudado.

Em *Satã Herético*, Boureau propõe duas teses centrais muito interessantes, quais sejam: a) até o século XIII a sociedade medieval conviveu, sem maiores problemas, com as entidades demoníacas. b) o cerne do pensamento cristão que possibilitou a caça às bruxas, na modernidade, se formou entre o fim do século XIII e o início do século XIV, mais precisamente entre 1280 e 1330. Essa virada demonológica “poderia ser relacionada ao terrível ano de 1277, que marca uma interrupção no desenvolvimento de certa racionalidade conquistada que tinha conseguido cristianizar a filosofia de Aristóteles”.<sup>5</sup>

O esforço do autor, durante o livro, é justamente para defender essas ideias, lançando mão de diversas documentos. O mais importante deles é a bula papal, de João XXII, *Super illius*

---

<sup>3</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 11-14.

<sup>4</sup> É preciso entender que o pensamento historiográfico sobre imaginário medieval é muito complexo e diversificado. São vários os estudos, muitas análises documentais e, por conseguinte, muitas formas diferentes de conceber as práticas sociais. Isso implica dizer que estabelecer um pensamento hegemônico não é a pretensão, mas sim colocar o tema em debate.

<sup>5</sup> Idem, p.19.

*specula*. Nela as práticas mágicas são, a partir daquele momento, incriminadas, mas, não só isso, pois “estas derivam diretamente da adoração do diabo”.<sup>6</sup> Os Bruxos, invocadores e negociantes de pacto foram também atingidos.

Essa bula, segundo Boureau, renova o pensamento católico medieval, à medida que

[...] levando a sério as pretensões dos bruxos e invocadores de demônio, rompia de modo brutal com a antiga tradição da igreja e notadamente com o cânone *Episcopi* (século X), que tratava os sortilégios e os feitos da bruxaria ou de magia como ilusões diabólicas, sem realidade efetiva.<sup>7</sup>

O papa João XXII também exerce papel fundamental em todo o processo. Ele fez uma verdadeira campanha contra as práticas demoníacas. Uma de suas ações nesse sentido é convocar um grupo de teólogos para debater e esclarecer o que, afinal, era heresia. O intuito, muito claramente, era colocar as práticas mágicas, de invocação, de adivinhação no rol de pecados imperdoáveis para o Clero. João XXII será o personagem principal na tese de Boureau.

Um outro aspecto bastante relevante para entender a estrutura de defesa dessa tese é a questão do pacto e da possessão. A obsessão pelos demônios teria nascido da conjunção, da atualização e da interação de dois temas antigos: aquele do pacto concluído com o diabo e aquele da possessão. Devido à crise demográfica e alimentícia que passavam as pessoas no Séc. XIII e também a uma mudança teológica, que denotava a ideia de pacto direto entre Deus e criatura, a população passar a ficar cada vez mais concorrente e necessitada, além de desnuda em relação ao mundo sobrenatural. Já a possessão passa a preocupar a partir de uma mudança antropológica que coloca o homem como possível receptáculo do mal<sup>8</sup>.

Por fim, o intenso e sempre durável debate teológico estava em pelo funcionamento. De um lado o racionalismo escolástico, de outro a sempre fervescente vontade franciscana. As contradições e diálogos a partir desse embate filosófico irão favorecer o estabelecimento de um interesse cada vez mais forte acerca dos demônios e de tudo aquilo que os envolve.

Portanto, podemos perceber que Alain Boureau não irá se preocupar em explicar quem é Lúcifer, ou quem são os demônios. A questão fundamental de sua obra é entender os movimentos intelectuais e sociais envolvidos nesse contexto complexo e inovador do fim do século XIII e início do XIV. Entender as raízes teológicas que permitiram uma das mais violentas ações repressivas contra a população. O que trouxe o Diabo para a cena? Porque nesse

---

<sup>6</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.25.

<sup>7</sup> Ibid, p.26.

<sup>8</sup> Ibid, p.20.

período? São essas questões que interessam ao autor em questão. Não se trata de saber qual o Satã de Boureau, mas sim de entender o fundamento central de sua tese: as bruxas nasceram muito antes do que pensamos.

### 3.2 – UMA HISTÓRIA INTELECTUAL ANTROPOLÓGICA

A respeito dos termos de investigação historiográfica deste livro, o próprio autor descreve: “é em termos de história intelectual que propomos compreender as mutações que afetaram os guardiões da racionalidade escolástica, os teólogos e canonistas que deram forma e força à preocupação com os demônios”. Portanto, está delineado seu norte teórico-metodológico. Entretanto, é preciso clarear em que sentido se desenvolve a estrutura da pesquisa. Para Barros,

[...] quando a História das Ideias volta-se para o estudo de movimentos literários e filosóficos tratando-os como tendências que abrangem grupos mais amplos de pensadores (o Verismo na Literatura, ou o Iluminismo na política) e também quando são examinadas as flutuações de pensamento ou opinião em torno de ideias mais específicas como a “república”, a “democracia”, a “liberdade” (ou quaisquer outras). Até este limiar, tem-se um domínio que muitos preferem também chamar de História Intelectual<sup>9</sup>

Nesse sentido, entendemos a História Intelectual utilizada no intuito de entender as transformações dentro da filosofia escolástica. Todavia, podemos perceber um outro viés aliado ao primeiro. Uma certa aproximação com a história dos conceitos ou do imaginário, no sentido de que o autor faz um esforço, em diversos momentos do texto, para compreender as diversas percepções acerca dos fenômenos, como, por exemplo, ao analisar as diferentes funções do pacto. Um outro conceito importante, que está no cerne da ideia principal, é a questão do tempo de longa duração<sup>10</sup>. Sem esse conceito de que as nossas criações perpassam no tempo longo, seria difícil de conceber sua tese.

Além disso, a análise do pensamento escolástico é fundamental no livro. Partindo de seus pressupostos antropológicos, Boureau desenvolve aquilo que se convencionou chamar de antropologia escolástica. Para entender melhor essa lógica de reflexão histórica, vejamos o que nos diz o próprio autor, em entrevista a Marion Lieutaud:

---

<sup>9</sup> BARROS, José D. Assunção. História das Ideias em torno de um domínio historiográfico. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 3, 2008.

<sup>10</sup> Desenvolvido por autores como Braudel e Le Goff. Ver (1) Fernand BRAUDEL. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 41-78. (2) Jacques LE GOFF, “As mentalidades: uma história ambígua” In Jacques LE GOFF e Pierre Nora (orgs). **História: Novos Objetos**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998, p.68-83.

Quand j'ai choisi ce nom d'« anthropologie scolastique », pour moi les deux mots disaient la même chose, l'un disait l'autre. Au départ, du point de vue anecdotique, il y avait un petit clin d'œil. Dans notre école, il y a ce qu'on appelle l'« anthropologie historique » (le terme a été fondé par mon très cher vieux maître Jacques Le Goff) et je voulais dire qu'on créait un groupe de recherches à côté du groupe d'anthropologie historique, c'est-à-dire un groupe qui allait faire à peu près la même chose mais par d'autres moyens et sur d'autres objets.<sup>11</sup>

Portanto, a Antropologia Escolástica é uma aproximação da Antropologia Histórica tradicional desenvolvida por Le Goff. O sentido da pesquisa, todavia, resguarda sua particularidade. Mais especificamente, o método de Boureau consiste em uma abordagem histórica que permita a análise das reflexões humanas no tempo histórico. Nesse sentido o objeto de estudo, por conseguinte, é o pensamento teológico cristão dos séculos XII, XIII e XIV.

A ideia força do livro, isto é, que a bruxaria se inicia na Idade Média, se contrapõe a teses já consolidadas na historiografia moderna. O próprio autor as cita. São elas: a de que a caça às bruxas surgiu devido às trocas entre bruxaria, cultos e ritos antigos, desenvolvida por Margaret Murray;<sup>12</sup> a do sabbat como uma criação dos clérigos, empreendida através do terror com o qual perseguiram as vítimas, Tese de Robert Mandrou;<sup>13</sup> a de que o sabbat é, além do mais, uma constituição de compromisso em que os clérigos transcrevem em termos cristãos esquemas de comunicação com o além, ideia que remete a Carlo Ginzburg;<sup>14</sup> e, por fim, a de que a caça às bruxas é somente um aspecto da cultura europeia em relação aos demônios e aspectos sobrenaturais, tese de Stuart Clark.<sup>15</sup>

A crítica principal que Boureau estabelece é a de que todas essas teses se fecham no entendimento imediato da problemática. Em outras palavras, esses autores não se preocuparam em entender as razões iniciais da caça às bruxas, somente em explicar as práticas, os acontecimentos. É no contrário dessa lógica que ele justamente irá desenvolver o seu caminho. A ideia fundamental é explicar o que preparou a perseguição desenfreada, o que está por trás disso.

---

<sup>11</sup> Entrevista ao portal actu filosofia, em 2013. Disponível em: <http://www.actu-philosophia.com/Entretien-avec-Alain-Boureau-autour-du-Traite-d>. Acesso em 18/07/2018.

<sup>12</sup> MURRAY, Margareth. **The witch in western Europe**. Oxford University Press, 1999.

<sup>13</sup> MANDROU, Robert. **Magistrados e Feiticeiros na França do século XVII**: uma análise de psicologia histórica. São Paulo: Perspectiva, 1979.

<sup>14</sup> GINZBURG, Carlo. **Le sabbat des sorcières**. Paris: Gallimard, 1992.

<sup>15</sup> CLARK, Stuart. **Thinking with demons**: the idea of witchcraft in early modern Europe. Oxford University Press, 1999.

Sobre as fontes, são utilizadas em grande quantidade, entretanto não são diversificados. São muitas fontes oficiais, documentos eclesiásticos e poucos informais, da cultura popular e do cotidiano. Não é utilizada nenhum tipo de imagem ou pintura. Destacam-se, dentre as fontes, as cartas eclesiásticas de João XXII, os documentos hagiográficos, incluindo o São Tomás de Aquino, e os documentos judiciais, também utilizados em grande quantidade.

O autor adota um estilo narrativo pausado e com bastantes divagações. Em certos momentos, o livro deixa de ser de história e passa a ser de filosofia ou teologia, o que é bastante interessante no sentido construir um conhecimento cada vez mais plural e interdisciplinar.

Sobre sua tese, é preciso fazer algumas considerações. Inicialmente, coloca-se em questão o próprio documento escolhido para a confecção da pesquisa. A isso, o autor já se antecipou e responde no primeiro capítulo a alguns questionamentos, como o documento não apresentar nenhuma novidade, não ter sido retomado e por não haver prova à autenticidade.<sup>16</sup> No entanto há uma outra objeção: é possível que o documento não traduza a realidade prática das pessoas? Será que as ideias do papa e de sua elite teológica poderia transformar em 50 anos uma mentalidade construída em séculos?

Além do mais, o seu próprio método de pesquisa não me parece o mais próprio. O livro inteiro, raras exceções, trata de entender o pensamento teológico e as intenções do papa João XXII. É possível construir um conhecimento acerca de um período tão complexo, como o Medievo, tendo como base a análise de apenas um dos pontos de vista? Ainda mais se esse ponto de vista for da camada social alta, logo minoria. Parece-me que falta mais variação na fonte, uma argumentação mais forte, um sistema de ideias teórico-metodológico mais robusto. A sensação é de que as fontes foram escolhidas a dedo justamente para criar uma certa coerência na linha de argumentos.

Por fim, os estilos de organização das ideias, de construção dos argumentos, das formas literárias são bastante confusos. O livro em si é confuso, principalmente nos três últimos capítulos. É preciso tentar deixar as ideias centrais em evidência, a construção dos parágrafos, a localização das informações. Os historiadores precisam começar a se preocupar com uma boa literatura. A percepção que fica ao ler *Satã Herético* é de que ele foi escrito do autor para o próprio autor, ou para especialistas do mesmo tema. Não significa, no entanto, desqualificar a pesquisa, mas sim entender a qual nicho literário ela está direcionada. Nesse caso, podemos

---

<sup>16</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 28.



dizer que a especialistas em pesquisas sobre teologia escolástica, práticas demoníacas e hereges e movimentos eclesiásticos no medievo.

### 3.3– A VIRADA DEMONOLÓGICA DOS SÉCULOS XIII E XIV

Ao tratar, logo no início do livro, do processo de canonização de Tomás de Aquino, Boureau nos chama à atenção para dois aspectos importantes: em primeiro lugar, ao relatar que conhecera um demônio contra o qual Aquino lutou pois já tinha o visto cristal,<sup>17</sup>

A tranquilidade de João Blásio e de seus inquisidores mostra que esse início do século XIV introduziu uma mudança na percepção dos demônios. O episódio de Nápoles pode ser percebido como um sinal do final de um mundo, aquele da coexistência tensa, mas sob controle, com as forças do mal.<sup>18</sup>

Em segundo lugar, a própria instauração da ideia dos santos como combatente dos demônios, como forças antagônicas às forças do mal. Portanto, a luta contra o Diabo é um dos fundamentos da santidade. Esse aspecto será percebido em várias hagiografias.

As práticas da adivinhação, da invocação, dos rituais mágicos eram bastante comuns nesse período, de modo que a igreja tinha uma linha um tanto ambivalente em relação a isso. Nesse sentido é possível perceber um movimento bastante importante, enquanto que surgia “[...] uma nova desconfiança sobre a astrologia e a alquimia, mais ou menos assumida pelos eruditos e pelos autos dignitários da igreja, foi acompanhada, segundo uma causalidade difícil de determinar, por uma difusão da cultura da alquimia e da necromancia nas camadas mais baixas da igreja”.<sup>19</sup>

Nesse contexto de “inquietude geral e ambivalência, acrescenta-se o cuidado do próprio João XII, que parecia ter considerado que os demônios se misturaram diretamente a essas artes suspeitas e exerciam um papel temível na vida e na morte dos seres humanos”. Essa inquietude do papa o leva a reunir dez teólogos com o intuito de conduzir uma nova reflexão acerca das relações entre as práticas mágicas com os demônios, transformando-os assim em hereges.

A mudança de postura da igreja pode ser explicada por alguns fatores. Os próprios aspectos pessoais do papa têm alguma relevância, muitas vezes demonizado pelos franciscanos,

---

<sup>17</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.15-16.

<sup>18</sup> Ibid, p.17.

<sup>19</sup> Ibid, p.35.

o papa era chamado até de anticristo<sup>20</sup>. Mas, para além disso, a mudança de um conceito filosófico cristão é importante: a criação do fato herético. Nas palavras de Boureau: “A revolução doutrinal lançada pelo papa consistia em tratar atos, fatos como heréticos, contra uma tradição antiga e contínua da igreja que apresentava a heresia como opinião”.<sup>21</sup> Em outras palavras, a partir dessa nova reflexão epistemológica a ação concreta do indivíduo, independentemente de suas convicções ao realizar o ato, importava ao seu julgamento. Uma mulher esfomeada que mata uma galinha para não morrer, poderia ser acusada como herege. Uma nova tradição que quebra com a lógica da razão fundamental da escolástica. Portanto há uma mudança fundamental nos julgamentos, a contradição entre uma moral da intenção, o que o autor chamará de fato fraco, e o apego a fato concreto, o que o autor chamará de fato forte.<sup>22</sup>

Para organizar os julgamentos à luz dessas novas perspectiva, organizar-se-á algumas concepções acerca da heresia, subdividindo-a em algumas classes. O herege aquele que comete o ato. Os crentes, aqueles que de alguma maneira que acreditam no ato herege. Os suspeitos, que são os que veem os hereges como bons homens. E os cúmplices, ativos e passivos, que são os que acompanham, fazem sexo ou escondem os hereges.<sup>23</sup>

Os procedimentos também passaram por uma mudança importante, desde o século anterior, “a igreja favorecia o desenvolvimento do procedimento inquisitorial em detrimento do modo acusatório”. O Santo Ofício, diferentemente da visão cristalizada, é apresentado como instituição forte, porém limitada. Ela somente terá um desenvolvimento mais acentuada no século XVI. O processo deveria ser rápido e justo, o que gera um certo paradoxo, pois para que se tenha um melhor grau de investigação é necessário mais tempo de apreciação.

Apesar dessas mudanças institucionais,

Em 1320, contrariamente a numerosos inquisidores, o papa tendia a abordar lucidamente as zonas obscuras pelas quais o demônio podia passar. É por isso que, em matéria de sortilégios, antes de reprimir, importava a João XXII reunir opiniões em relatórios complexos unindo a magia, a invocação dos demônios e a heresia. É entre um dos teólogos consultados, então, que ele encontra a resposta mais completa as interrogações.<sup>24</sup>

---

<sup>20</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.40.

<sup>21</sup> Ibid, p.40.

<sup>22</sup> Ibid, p.42-43.

<sup>23</sup> Ibid, p.44-46.

<sup>24</sup> Ibid, p.66.

O teólogo ao qual o autor se refere é Henrique de Carreto, que foi um dos dez convocados pelo papa. O resultado da pesquisa feita pelo papa o forneceu um rico e diversificado material argumentativo que poderiam subsidiar suas visões sobre a heresia. Entretanto um dado chama à atenção:

Os *experts* não dedicaram atenção especial ao recurso a demônios, sendo os argumentos sobre a reiteração do batismo e a profanação da hóstia bem mais substanciais do que aqueles sobre os sacrifícios e as invocações demoníacas. Pior ainda: esse recurso aparecia, por vezes, como uma circunstância atenuante à luz da qualificação da heresia.<sup>25</sup>

Carreto, todavia, traz contribuições fundamentais. A partir dos sacramentos católicos, ele desenvolve uma linha de argumentação que visa entender a realidade dos malefícios operados pelas imagens. A partir do entendimento da relação entre homem, demônios e imagens é que se produz uma condição de associação demoníaca com heresia:

Uma vez descartada essa causalidade direta da imagem, Henrique rejeita também a ideia de um poder delegado à imagem pelo demônio, “porque o anjo não pode agir sem mediação, a não ser deslocando as coisas naturais que podem receber uma força operatória de sua própria forma”. O agente deve estar presente no movimento que desencadeia.<sup>26</sup>

O Diabo não pode agir sem mediação pois está limitado em sua própria força, que é de caráter natural. O demônio não pode em si controlar uma imagem ou tomar para si um sacramento cristão, é preciso da ação humana. E esta, enquanto atuante no sentido de se aliar ao lado mal, deve ser combatida. Há, nesse sentido, uma dualidade entre a simbologia dos sacramentos cristão (batismo, eucaristia) e a consagração da imagem para o mal. Portanto, a heresia não está no rito em si, ou nas imagens, mas sim no ato de consagração do demônio. “A profanação não está no rito propriamente dito, mas no ato de significação, que constitui a separação (*separato*) pela consagração. A consagração torna a imagem efetivamente diabólica”.<sup>27</sup>

Um outro aspecto discutido por Carreto é o pacto. Para ele, havia uma divisão entre dois tipos de relação com o maligno: a simples convenção entre cúmplices, ou um ato fundador.

---

<sup>25</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.71.

<sup>26</sup> Ibid, p.77.

<sup>27</sup> Ibid, p.74.

Ambos implicavam culpabilidade, pois a simples associação com Diabo pressupões um erro dogmático. Portanto,

Henrique de Carreto tinha, então, conseguido dar um fundamento novo à classificação de mágicos e bruxos como hereges, mas as intuições e contradições do franciscano em relação à natureza e à importância do pacto satânico desenharam um horizonte de inquietude, bem além das questões canônicas e teológicas colocadas à comissão de 1320.<sup>28</sup>

Para Boureau, “a força constitutiva dos pactos tinha, nas sociedades da Idade Média Central, uma ampla pertinência da qual Satã poderia lançar mão”,<sup>29</sup> por isso ele dedica um capítulo para entender esse aspecto, no qual ele irá analisar esse ponto mais especificamente.

Havia a ideia de pacto generalizado na sociedade medieval, senhor/vassalo, igreja/sociedade, o pacto monarca, que tinha de governar para Deus. Poderia ser utilizado também para comoções sociais, num sentido positivo, e ser utilizado por más pessoas, que formariam complôs. O pacto estava, portanto, no mundo secular e regular.

Dentro do espectro religioso, o pacto necessitava de uma participação ativa do homem, numa relação dualística com Satã, em que este último tenta o primeiro na intenção de construir uma nova relação, já o homem entra nessa lógica na pretensão de conseguir benefícios:

O pacto satânico, forma última da adoração e da conjuração dos demônios, implicava parceiros, contratantes. No entanto, como no pacto sacramental, a reciprocidade dos engajamentos não implicava uma simetria entre as partes. A conclusão do pacto era um processo que implicava um agente e pacientes. O agente incita o pacto e lhe dá força ao mesmo tempo em que os pacientes a isso se prestam por sua capacidade receptiva.<sup>30</sup>

A possessão, juntamente com pacto, foi outro aspecto fundamental para a mudança no pensamento intelectual dos séculos XII e XIII. O inimigo tentador, já reconhecido no pacto, aqui também exerce função central. A mudança no pensamento escolástico proporcionou justamente essa nova forma de enxergar os demônios:

Uma demonologia escolástica foi então elaborada durante os 30 ou 40 últimos anos do século XII, por razões muito heterogêneas, que não implicam todas necessariamente uma inquietude viva sobre o poder demoníaco. Por um lado, a exacerbação das oposições doutrinárias contribuiu para o

---

<sup>28</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.83.

<sup>29</sup> Ibid, p.83.

<sup>30</sup> Ibid, p.115.

desenvolvimento dessa disciplina. O saber escolástico progride de fato, pela averiguação e pela disputa. [...] A queda de Satã ofereceu um novo terreno de luta sobre a questão da vontade, que tendia a invadir todos os campos teológicos. Ela constituía também uma plataforma de ensaio para a evidência da noção de *aevum*. Entretanto essa cristalização doutrinal não teria sido efetiva se a interrogação sobre os demônios não tivesse se deparado com preocupações mais espirituais que especulativas como aquela que vêm da escatologia joaquimita e franciscana. As novas explicações sobre a atividade incessante ou crescente dos demônios reencontraram provavelmente um eco além do círculo joaquimita e franciscano, nos meios opostos ao aristótelico-tomismo.<sup>31</sup>

No capítulo quatro, Boureau faz uma discussão acerca de relatos sobre possessões presentes em textos sobre santos. Aqui, o autor parece querer compensar o uso dos documentos mais intelectuais com algumas fontes mais informais. O autor faz um esforço para entender como a igreja via as possessões, o que era ou não, evidenciando a questão da loucura do sonambulismo e da salvação da alma. O corpo é disponível para acesso, portanto era preciso resguardá-lo do mal. Os próprios santos não estavam totalmente livres dos seres malignos, eles eram tentados, atacados, e precisavam ser fortes para resisti-los e combater-los. Além do mais, poderiam haver os fantasmas, que através de hereges, pessoas que não tiveram ritual de enterro correto ou sem confissão, assumiam o papel dos demônios com intuito de atacar as pessoas e fazer com elas cometam pecado, e por consequência afasta-los do bem.

Os dois documentos principais são os relatos de Nicolau de Tolentino, que foi por diversas vezes perseguido por um demônio chamado Bélic; e os acontecimentos envolvendo as freiras de Santa Lúcia. Nesses dois casos ele nos mostra justamente essa divisão possível entre as possessões e as não-possessões.

Para entendermos melhor essa questão, vejamos o que Alain Boureau nos conta:

O demônio podia possuir os seres humanos, invadi-los, coloca-los em seu lugar. Uma longa tradição inaugurada pelos Evangelhos e corroborada, durante séculos, por inúmeras narrativas de possessões e exorcismos, o atesta. Essa constatação assume um sentido particular no século XII, quando uma nova antropologia, derivada tanto dos saberes naturalistas quanto da reflexão escolástica, explora as forças e as fraquezas da natureza humana. A possessão e a loucura manifestavam a fragilidade da personalidade humana. A alienação demoníaca, tanto quanto a demência, rapidamente demonizada, aquela do sonâmbulo, pôde nos guiar na exploração das fendas abertas no edifício pleno da personalidade humana.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.138.

<sup>32</sup> Ibid, p. 169.

Na parte do final do seu livro, ele busca compreender justamente a questão da antropologia escolástica. Entender os meandros da pluralidade da alma, da fragilidade do corpo e das zonas vazias da personalidade humana, salientando que o próprio divino também exercia tarefa importante, inclusive podendo se unir ao corpo humano.

A antropologia escolástica, explorando os limites da ação e da consciência, tinha descrito as zonas de vazio e de fragilidade da personalidade humana. Ora, a sobrenatureza, longe de ter horror ao vazio humano, parecia encontrar acolhida exatamente aí. A ascensão considerável da mística, a partir da segunda metade do século XIII, manifesta essa nova invasão do sobrenatural. E esses místicos falavam, ditavam ou escreviam muito; e eram ouvidos anteriormente. O arrebatamento divino representava o espelho da possessão diabólica que era mantida na obscuridade das confissões das possessões, divina ou diabólica, estava ligada a similitude dos modos de ação dos *spiritus*, dos espírito divino, angélico ou demoníaco.<sup>33</sup>

Não era só o demônio capaz de se unir com as pessoas, mas o próprio divino. A limitação entre o céu e a terra tem um abalo explícito. O Espírito Santo passa a ser o contraponto do espírito maligno, capaz de se combinar com o cristão, do mesmo modo que o Mal pode corrompe-lo. O desocupado corpo humano passar a ser habitação de entidades que terão implicitamente a tarefa de definir o caráter e a conduta dos indivíduos.

### 3.4 – UM ESTUDO DEMONOLÓGICO?

As ideias que o autor lança mão são muito interessantes e não há dúvida que contribuem para o enriquecimento do conhecimento histórico. Entretanto, poderiam ser melhor aproveitadas, mais desenvolvidas. Do ponto de vista do estudo sobre Lúcifer, entendido este como personificação do mal, pouco foi focado nele, portanto não podemos falar em acréscimo estrutural.

Já do ponto de vista dos estudos da escolástica, o livro aí sim se mostra revelador. Ao analisar os intelectuais cristãos do século XII, propõe-se teses muito bem sustentadas pelos documentos escolhidos. A compreensão do tomismo é aqui muito bem abordada, apesar de uma narrativa confusa e pouco didática. Outrossim, a compreensão do pensamento cristão é sempre importante no sentido de entendermos muitas das nossas questões mais inquietantes. A possessão, o pacto, a divinização, a relação igreja e sociedade são aspectos de uma sociedade que se fundamenta em bases cristãs.

---

<sup>33</sup> BOUREAU, Alain. **Satã Herético**: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.201.

Entretanto como já comentado, a ideia de entender um ideário intelectual não corresponde a exatamente entender as complexas relações sociais, culturais, econômicas e políticas da sociedade. Esse ponto é talvez o mais questionável da tese defendida por Alain Boureau. A falta de diversidade na fonte, mas ao mesmo tempo a erudição, demonstra um historiador competente e conhecedor na história. Nesse sentido, acreditamos que essa seleção das fontes foi justamente no sentido de fortalecer suas ideias, no entanto possuem bases pouco sólidas na ambição de explicar um contexto social mais amplo.

Ao questionar alguns historiadores que tendem a generalizar o passado, com intuito de defender suas ideias, Boureau faz a mesma coisa ao pressupor uma virada demonológica no pensamento medieval, levando em consideração o pensamento do alto clero católico ou seus intelectuais.

O livro é muito mais sobre teologia e suas relações com a intelectualidade do que um estudo sobre a demonologia e sobre cotidiano social. Os demônios são abordados de modo secundário e transversal. O que realmente importa entender não é o demônio em si, mas os movimentos por trás das crescentes obsessões sobre ele. Para o autor, compreendendo esses constantes movimentos e transformações, perceberemos como eles possibilitaram as graves perseguições contra as “bruxas” nos séculos seguintes.

Com isso, podemos definir, segundo Boureau, o século XIII como um momento de mudanças institucionais no catolicismo, lideradas principalmente pelo pensamento escolástico. Como resultado dessa efervescência de ideias, constrói-se no imaginário cristão a figura de um oponente formidável e inigualável: Satã. E junto com ele uma horda de demônios que tinha por objetivo fundamental a destruição dos cristãos. Uma verdadeira recriação na mentalidade de uma sociedade que convivia de modo tranquilo com seres malignos e que passa a odiá-los, teme-los e combate-los, não só a eles como também a todos os seus seguidores e representantes: todos aqueles que duvidam ou questionam os dogmas católicos, os hereges, e posteriormente as bruxas.

No entanto, boa parte de suas argumentações se resumem no estudo intelectual católico, o que nos gera um certo sentimento de questionamento sobre a real efetividade dos novos paradigmas eclesiásticos na realidade concreta das pessoas. Além disso, a própria durabilidade dessas ideias se mostra imprecisa. É possível que compreendamos as perseguições às bruxas como fruto de fatores ocorridos no século XIII? Ou será que foram os próprios tensionamentos contemporâneos que fizeram emergir os ódios contra as “noivas de Satã”? O

autor afirma que a primeira alternativa é a mais concreta, mas não nos justifica de modo eficiente.

Como conclusão, podemos, ao menos, estabelecer uma nova tese que precisa ser aprofundada. Novos estudos nesse sentido podem ser bastante reveladores. No entanto, como objeto fim dessa obra, não podemos conceber uma visão clara de quem é Satã para Boureau, mas façamos um esforço nesse sentido. O Ícone do Mal se traduz, por essência, em uma construção teológica, fomentada a partir de discussões da elite intelectual católica. Um ser empurrado, assim, de cima para baixo, incutindo no pensamento popular um profundo medo capaz de causar uma verdadeira histeria coletiva nas relações sociais.

Dessa forma, chegamos ao fim da análise das diferentes concepções acerca da Imagem do Diabo. Podemos entrar em contato com várias ideias e metodologias historiográficas, que produziram narrativas e interpretações que, de certo modo, se complementam e se distanciam. Mas, como conclusão, precisamos, para além de compreender essas teses postas por autores consagrados, construir a nossa própria visão sobre Lúcifer. Portanto, o término não se satisfaz somente com Russell, Nogueira e Boureau, ele, como veremos a seguir, se traduz em uma nova ótica a respeito do Símbolo Maligno do Cristianismo.



## CONCLUSÃO

Ao fim desta pesquisa, pudemos percorrer um longo caminho de conhecimento e de diversidade historiográfica. Estudamos concepções e teses que, para além do aprendizado específico, nos permitiram enveredar pelas complexas e sedutoras teias da História, de modo que, como outrora disse Marc Bloch, ainda que nenhum saber científico tivéssemos assimilado, o entretenimento da leitura já teria sido válido. Mas, pelo contrário, muitos assuntos práticos puderam ser debatidos sobre a História, mas não somente sobre ela.

Todo estudo que propõe a compreensão da dinâmica histórica, não se limita a somente um campo de análise. Por isso, esta monografia tratou de aspectos que vão além da investigação das ações dos homens no tempo, foi preciso conceber a própria efetividade do tempo nas construções humanas. O tempo compreendido como um campo da vivência social que está situado na interseção entre a realidade prática e o plano das ideias, e engendrado não somente como uma linha uniforme com um fim específico, mas como um complexo sistema de imagens, conceitos e representações que são produzidas pelo homem e que ao mesmo determina suas ações.

Nesse sentido, a Teologia, a Filosofia, a Sociologia, a Geografia e a Semântica são áreas do saber fundamentais para a captação do núcleo do pensamento humano em relação ao tempo histórico. E mais ainda do pensamento religioso, que perpassa o período da Longa Duração e condiciona a vida das pessoas de forma bastante intensa. Por isso, percebemos uma verdadeira lógica interdisciplinar em todos as obras analisadas nesta monografia. Todos os livros e todas as metodologias e abordagens aplicadas pelos autores permeiam esses diversos campos do conhecimento, utilizando-se de seus diversos conceitos e os aplicando na investigação historiográfica.

Além do mais, percebemos, dentro do espectro das teorias da História, certa diversidade. Cada autor discorre sobre suas ideias, com base em pelo menos três diferentes perspectivas: Russell busca compreender o Diabo a partir do *Conceito* que se formou sobre ele. Carlos Nogueira, por sua vez, privilegia o entendimento das imagens mentais percebidas pelos homens, ou seja, o *Imaginário* sobre Lúcifer. Já Boureau, inspirado pelas teses antropológicas de Le Goff, desenvolve a *Antropologia Escolástica* como ferramenta para a percepção da *Intellectualidade* cristã, e de que forma ela concebeu Satã. Cada um desses caminhos produziu um ser Maligno específico, em alguns aspectos semelhantes, em outros muito distantes, porém

com duas particularidades em comum: foi na Idade Média que ele se formou enquanto inimigo poderoso, capaz de atormentar a alma e o corpo dos cristãos, e, para além disso, de rivalizar com o próprio Deus; e a foi a Instituição Clerical Católica responsável crucial pela edificação e disseminação do Diabo.

O período medieval, com todas as suas vicissitudes, foi capaz de modelar e fortalecer não somente a religiosidade cristã, mas também o seu Antagonista. Sem Lúcifer e seus demônios, a função fundamental do catolicismo seria posta em xeque, pois o homem não precisaria de uma instituição que o ajudasse a defender a sua alma, uma vez que nada a atacaria, nem a colocaria em perigo. Nessa lógica, podemos perceber um certo protagonismo da Igreja Católica na construção do Imaginário Cristão. Para que essa nova fé, ávida por novos conversos, prosperasse, eram necessárias formas de captação e controle, mesmo que essas ações imbuíssem na psique das pessoas o mais profundo terror. Ademais, as mudanças nas perspectivas dogmáticas incutidas no pós-Cristo, que foram debatidas pela intelectualidade católica, culminaram na consolidação das Forças do Mal como adversárias formidáveis e extremamente poderosas.

No entanto, não só por isso Satã foi construído. As influências das práticas supersticiosas e pagãs das diversas religiões do mundo medieval foram fundamentais em todo processo: os demônios se encaixaram magnificamente no universo imagético popular, mesmo que seus sentidos não seguissem os mesmos dos pressupostos burocráticos. Da mesma forma, as raízes hebraicas, infestadas de referências das diversas culturas mesopotâmicas e da cultura grega, também contribuiu profundamente para a elaboração das imagens e signos relacionados ao Mal. Uma verdadeira religião sincrética surge, filha da diversidade cultural medieval e da influência hebraica. Uma fé capaz de mover toda a sociedade, pelo bem ou pelo mal, determinante nas relações de poder, e dona do Mundo no aspecto mais estimado pela humanidade: a vida, a morte e o pós-morte serão aspectos direcionados pelo Catolicismo, em nome de uma Guerra sem fim contra o Diabo.

Posto isso, notamos, por parte dos historiadores, pelo menos três modos de enxergar a figura diabólica. Formas diferentes em seu núcleo, mas que trazem em si contribuições bastante significativas para os estudos do Cristianismo e, em última instância, para a historiografia de forma mais abrangente. É a partir dessa Nova Historiografia, aqui representada por pesquisadores dos Estados Unidos, França e Brasil, que conseguiremos, com efeito, produzir uma História condizente com a importância do ícone do Mal na mentalidade ocidental. Todas

essas perspectivas foram o foco desta monografia e podem ser sintetizadas da forma que veremos a seguir.

A primeira, defendida por Russell, afirma que Lúcifer é um conceito, criado no intuito de personificar o Mal. Essa criação se dá no campo das Ideias e mostra-se muito pouco permeável a mudanças, sobrevivendo por longos períodos e atuando na vida de pessoas de diferentes tempos e espaços, culturais e sociais. A sociedade, responsável por esse processo, molda esse conceito de modo a adaptá-lo à realidade prática em que está inserida. Além disso, o Mal não pode ser entendido como um elemento abstrato: ele é real, nítido na vida das pessoas e perceptível em todo Cosmo. Portanto o Diabo, em meio às suas diversas máscaras, é simplesmente uma Personificação do Mal, uma maldade imediata e tangível ao indivíduo, elaborada como uma forma de dar rosto a algo que já está no Mundo e que atinge duramente a existência humana.

Não muito distante dessa visão, Nogueira compreende o Diabo como uma Representação do Mal, uma imagem construída através do tempo e que exerce força fundamental no psicológico coletivo. Entretanto, a formação desse imaginário só pode ser compreendida a partir do Cristianismo, ambos estão ligados de forma umbilical, confundindo-se, um e outro, em uma só lógica histórica. Assim, o Demônio, em sua definição mais próxima do que conhecemos hoje, é uma construção sincrética e transcendental no tempo, moldado a partir de diferentes culturas e solidificado no imaginário cristão através de um sistema pedagógico que preconizava o medo como forma catequização. Portanto, o Diabo é uma imagem que representa na lógica cristã um aspecto capital: ele é o personagem responsável por dar sentido a própria ação das instituições religiosas, um inimigo que está a todo tempo tentando destruir as pessoas do Bem,

Por fim, Boureau não se preocupa em encontrar sua própria definição de Satã, pois seu objetivo principal é entender as raízes da lógica persecutória cristão dos séculos XVI e XVII. Entretanto, no campo subliminar, podemos chegar a algumas inferências. O Príncipe do Mal é, em sua essência, uma construção escolástica, fruto de um período de transformações e tensionamentos teológicos – século XIII – no qual a mais alta intelectualidade cristã discutiu e concebeu novas maneiras de ver o Mal. Este passa a ser temido de uma forma jamais vista, pois seus poderes passam a ter força quase ilimitada e suas ações podem atingir, cada vez mais fortemente, o mundo cristão. Esse medo se transforma em revolta, gerando a perseguição desenfreada de todos aqueles que, mesmo aparentemente, tenham relação com o diabólico. Portanto, Satã é, para a intelectualidade eclesiástica, um líder, que tem por trás de si uma legião

de seres do Mal, extremamente poderosos e com uma missão fulcral: destruir a integridade do Homem e, por conseguinte, a sua ligação com Deus.

Essas tendências demonstram em si, uma riqueza historiográfica inovadora e paradigmática nos estudos teológicos e sociais. Essas contribuições foram fundamentais para a solidificação do empenho de elucidação da construção e aplicação social da figura diabólica. Jeffrey Russel, Carlos Nogueira e Alain Boureau conseguem nos demonstrar, a partir de diferentes vertentes, as complexas e diversificadas forças por trás de Lúcifer, sejam elas espirituais, sociais ou políticas.

Todo esse vasto campo de informações nos permite depreender certas afirmativas: o Diabo é uma construção social, fundada desde o mais particular sentimento do indivíduo à mais alta e poderosa força social; o Cristianismo, e mais especificamente o Catolicismo, teve papel fundamental no processo de modulação e propalação do Diabo; Satã é um ser sincrético, constituído de diversas forças culturais e mentais; o Medievo foi o período essencial de todo esse desenvolvimento; a Escolástica de Aquino foi a grande responsável pelo estabelecimento das forças do Mal; e, por fim, o uso de Lúcifer como instrumento de dominação e poder foi efetivo em todo o mundo religioso e político. Além disso, uma negativa também é crucial: não precisamos descobrir se o Diabo é ou não real. O que nos importa, como historiador, verdadeiramente é perceber qual a sua função no mundo e, para além disso, como ele o modifica, agindo na vida privada e mental da sociedade.

Contudo, como resultado prático dessas leituras e da nossa observação empírica, não poderíamos deixar de realizar um esforço no sentido de desenhar a nossa própria visão acerca do Diabo. Nessa tentativa, não estaremos preocupados em perceber a ação dos grupos de poder perante o Príncipe do Mal – como a Igreja Católica ou o Estado –, nossa intenção é identificar o modo pelo qual as comunidades populares enxergam Lúcifer, dentro de uma perspectiva cristã. Ou seja, não se trata de uma visão exterior, mas sim de dentro para fora. Além disso, nosso foco espacial será a religiosidade do nordeste brasileiro, símbolo da cultura e misticismo popular, e representante legítima da fé católica da Europa Medieval.

De início, é importante deixar uma separação muito clara entre crenças pessoais – ser cristão – e nossa tarefa enquanto produtor do saber histórico. As contradições entre nossas ideias e imagens estabelecidas no campo privado não podem nortear aquilo que acreditamos como verdadeira História. Precisamos agir sustentados pela linha irremediável da ciência, jamais pela assimétrica influência da Fé religiosa. Portanto, aqui estarão algumas linhas de um

pensamento que tenta compreender não a minha cosmovisão – isso é tarefa de um psicólogo –, mas a inserção de um importante personagem religioso dentro da lógica social.

Nesse sentido, é inegável que qualquer estudo que se proponha analisar os Demônios jamais ficará restrito a somente esse tema, dado que Lúcifer e seus subalternos são práticos no cotidiano social. Portanto, a análise do Mal nos remete impreterivelmente à necessidade de conhecer a própria sociedade e suas relações com a religiosidade. E, para além disso, nos atentar ao mais íntimo e capital dos aspectos religiosos: a sua inserção no coração dos oprimidos e dos que necessitam de ajuda. É para esses que Lúcifer é mais concreto, pois ele representa a própria realidade, da vida difícil e do sofrimento, da fome e da morte. Independentemente de qualquer segmento teológico, é na religiosidade popular que o Multifacetado Mal habita.

Dentro dessa perspectiva, Karl Marx concebe a religião como o ópio do povo, ou seja, como a instância na qual as pessoas conseguem um alívio para a própria realidade, que por natureza é dura. De certo modo, faz sentido esse tipo de proposição, dado que é, de fato, na interação com o sobrenatural divino que se pode encontrar subterfúgios para os males mais profundos da humanidade: a dor, o sofrimento, a morte e a eternidade. Entretanto, o sociólogo alemão se descuida de uma questão fortemente intrínseca à religiosidade cristã: Deus não é somente a saída das dificuldades, ele é, em última instância, a própria razão da existência da vida e de tudo que a rodeia. Parafraseando o grande poeta Ariano Suassuna, para um cristão, sem Deus, bastaria a morte para que a própria Existência deixasse de ter coerência.

Nesse sentido, o Diabo se apresenta não somente como reflexo das mazelas sociais, mas como o causador delas. Na falta de explicações fundamentadas ou de acesso a elas, o espírito humano encontra na superstição, nas lendas e na fé respostas precisas para tudo. Assim, a seca no sertão é obra do maligno; o artista de sucesso, que era pobre, fez pacto satânico; as doenças são castigos divinos; e a morte é somente uma passagem para um lugar melhor. Nesse campo do intelecto social, tudo é regido pela força superior de Deus, pelos seus interesses e, mais importante, pela sua permissão.

Entretanto, esse consentimento parece ser esquecido pelos cristãos, uma vez que atribuem a Lúcifer um poder tão forte, capaz até mesmo de desafiar a onipotência de Deus. As Forças do Mal assumem a tarefa, cada vez mais evidenciada pelos novos cristãos, de seduzir e destruir a todos eles, os quais estão desnudos espiritualmente. Nessa linha, a igreja já não é mais a protetora fundamental, pelo contrário, é o contato progressivamente mais direto com Deus e seus anjos e santos. Estes agem como intercessores e protetores, na vida e na morte, servindo

de paradigma de vida cristã e acolhendo a todos que, pelos seus pecados, não conseguem atingir a Cristo de forma imediata.

Percebemos, assim, um mundo que está em uma guerra interminável entre o Bem e o Mal. Essa dicotomia tende a nos revelar uma faceta irrefutável da humanidade: o eterno estado de conflito e miséria das relações sociais. Como Russell nos mostra, o Diabo é simplesmente a personificação desse Mal, que já existe, e que rodeia a todos de forma intensa. A lógica realmente está correta, discordamos, no entanto, em um ponto fulcral: o Mal que Lúcifer representa, para o imaginário cristão, não é a maldade humana em si, é a própria ação demoníaca, que visa sempre a desestabilização das relações entre Deus e os Homens.

Esse Mal social, que, como vimos, não provem do espírito humano, mas sim do espírito maligno, compõe o problema mais sério que a humanidade cristã enfrenta: a questão do sofrimento. Como ponto de partida, o poeta popular paraibano Leandro Gomes de Barros formula, dentro da lógica cristã, esses aspectos em três sextilhas nas quais ele questiona a ação do próprio Deus em relação às mazelas humanas (como se Deus fosse passível de questionamentos ou de erro). Vejamos:

O mal e o sofrimento  
Se eu conversasse com Deus  
Iria lhe perguntar:  
Por que é que sofremos tanto  
Quando viemos pra cá?  
Que dívida é essa  
Que a gente tem que morrer pra pagar?

Perguntaria também  
Como é que ele é feito  
Que não dorme, que não come  
E assim vive satisfeito.  
Por que foi que ele não fez  
A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes  
E outros que sofrem tanto?  
Nascemos do mesmo jeito,  
Moramos no mesmo canto.  
Quem foi temperar o choro  
E acabou salgando o pranto?<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Não conseguimos ter acesso ao local de publicação, nem ao ano deste poema. Na verdade, ele se tornou mais famoso quando o escritor Ariano Suassuna o recitou, como exemplo para explicar sua crença no Cristianismo, em uma entrevista concedida ao Canal Brasil.

Ora, se Deus é bom, por que que tantas pessoas precisam sofrer? Por que ele não simplesmente nos transforma em seres como ele, livre de todos os males? Essas perguntas são muito sérias para o cristianismo. A questão de um Deus justo e benfazejo pode ser desconstruída com uma mera argumentação, a de que se realmente ele fosse bom, o mundo não padeceria em nenhum campo da sociedade, viveríamos de maneira igualitária, pacífica e feliz. Para o cristão, no entanto, o responsável por quebrar essa ordem é o Diabo, que desde sempre odiou os homens por causa de um sentimento ambíguo, que certas vezes é de ciúme, outras é de obsessão pelo poder. Deus não precisa justificar o mal, pois não é o causador dele, pelo contrário, ele é o responsável por livrar a humanidade de todas as iniquidades do Inimigo.

Mas, por que Deus não simplesmente destrói o Diabo de uma vez? Isso é impossível, pois Deus não é um assassino. Além de que a própria morte, entendida como fim, não existe no ideário cristão. O fim planejado para Lúcifer não é a extinção, é a prisão, o Inferno. Nem mesmo para os seres humanos a morte é o fim, ela é somente a passagem, para um lugar que será determinado pelas suas ações durante a estadia na Terra.

Esse paradoxo, de um Deus onipotente, onisciente e onipresente que é Bom, mas também permite o Mal é respondida pelos cristãos de modo bastante interessante: nós jamais poderemos pensar como Deus, pois ele sabe muito mais do que todos e tudo. Qualquer questionamento para além disso é inevitavelmente descartado, já que o homem jamais poderá conhecer quais os verdadeiros planos de Deus, ele escreve certo por linhas tortas. Assim, o Diabo age com o consentimento de Deus, mas, ao mesmo tempo, essa ação faz parte de uma lógica divina que visa o Bem da humanidade. Nada mais representa ideia do que o dito popular, “há males que vem para o bem”.

Ao mesmo tempo, nos falta uma questão básica, como esse Diabo é imaginado? Para tal pergunta, a resposta é complexa e precisaria de muito mais dedicação para responde-la. Entretanto, alguns pontos nos parecem bastante pacificados, a saber: ele é multifacetado, feio, bonito, baixo, alto, branco, negro, são vários os corpos e as faces do Mal; ele representa a situação que as pessoas passam, se for estado de felicidade, ele tentará destruir, se for de tristeza, ele é o culpado; é inteligente, sábio, mas também é estúpido, capaz de se atrapalhar com as próprias ações; ele é tentador, sagaz, sempre à espreita, à espera de qualquer erro; e, por fim, ele é Inimigo de Deus, contrário a todas suas ações.

Satã é, portanto, criação de Deus, uma criatura que se revoltou contra nós, homens, e por isso dedica a sua existência a nos destruir. O criador, por sua vez, não pode destruí-lo, e deixa-o livre para agir como quiser. Essa lógica, no entanto, não é uma para os cristãos, que

percebe o Diabo da forma que lhe convém, e ignora os dogmas religiosos. Assim, ele pode ser também um simples idiota, uma espécie de coitado destrambelhado à procura do papa-léguas. Mesmo assim, ele não deixa de ser o grande Inimigo do cristianismo, que seja ser de luz ou príncipe das trevas, ainda é sinônimo de Maldade.

Todavia, uma questão muito nos intriga, como poderia uma crença com tantas contradições absorver tanta gente em um período tão longo? Pessoas de todas as classes, etnias, cores, nacionalidades, gêneros, níveis social e níveis intelectuais. Acreditamos que a Idade Média e o discurso católico foram extremamente eficazes em conseguir gerar justamente esse sincretismo que nos referimos anteriormente. Lúcifer representa, de modo ampliado, a crença judaico-cristã, mas, em última instância, ele traduz diversas crenças que se perderam ao longo do tempo e que, de algum modo, se reformularam com o cristianismo.

Além disso, uma outra questão nos parece fundamental: a religiosidade cristã ela não possui lógica racional. Portanto, para que se tenha uma crença verdadeira é preciso se abster da razão e se locomover através da fé. Se qualquer pessoa se colocar a entender Deus, somente duas saídas terá: ou aceita o ateísmo; ou, pior, cria raiva de Deus. Quando se procura congruência nas ações – ou na falta delas, pelo menos – do Bem, em boa parte das vezes, se encontra somente a face do Mal. Assim, a crença no Diabo é também uma resposta para as lacunas da conduta do Bem.

Concluimos, dessa forma, que o Diabo é um ser indiscutivelmente real para os cristãos, não como ação física necessariamente, mas como impulso maligno para tudo de errado. Ele é sincrético, cheio de máscaras para um rosto que representa, em suma, o Mal, que provem de seu espírito. Entretanto, para além disso, o Satã é uma resposta imediata para todas as inconsistências das práticas do Bem. Ele é a resposta para todas as mazelas humanas, para tudo aquilo que o homem, em sua arrogância, não admite para si, ou para todo o sofrimento que todas as sociedades tendem a passar.

Não podemos definir ou explicar o Diabo, pois ele, por essência, não existe. Podemos, isso sim, compreender as formas pelas quais as pessoas o concebem. Foi isso que fez Russel, Boureau e Nogueira, e foi isso que tentamos. Na nossa intrínseca falta de capacidade de enxergar o imaterial, nos resta entender a nós mesmos. E, nesse sentido, nos parece que, para os cristãos, foi do Diabo a mão por traz do tempero que acabou salgando o pranto.



## REFERÊNCIAS

### LIVROS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Francisco Alves, 1981, 2 vol.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2004.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, Vol. I, São Paulo: EDUSC, 2002, p.319-331.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista e ampliada. 4. imp. São Paulo: Paulus, 2006.

BOUREAU, Alain. **Satã Herético: o nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNIESP, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (Séculos 13- 18)**. Bauru: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

JUNIOR, Hilário Franco. **Idade Média: o nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005, 2.ed.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma Biografia**. São Paulo: Globo, 2008.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Estampa, 1995, 2.ed.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). **História: Novos Objetos**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

MINOIS, Georges. **O Diabo: origem e evolução histórica**. Lisboa: Terramar, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no Imaginário Cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.

PAGELS, Elaine. **As origens de Satanás**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.

RUSSELL, Jeffrey Burton. **O Diabo as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WOODS JR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

## ARTIGOS

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ÉTICA E CIDADANIA**. São Paulo. 2008. Disponível em <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT6/Marcos\\_Renato\\_Holtz\\_de\\_Almeida.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT6/Marcos_Renato_Holtz_de_Almeida.pdf)> . Acesso em: 12 jul. 2017

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do diabo na sociedade pós-moderna. **Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar**, Maringá, v. 5, 2004. Disponível em:  
<[http://www.urutagua.uem.br/005/20soc\\_almeida.htm](http://www.urutagua.uem.br/005/20soc_almeida.htm)> . Acesso em: 12 jul. 2017

BARROS, José D.'Assunção. História das Ideias em torno de um domínio historiográfico. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 2, n. 3, 2008.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal. **Mirabilia**, n. 12, p. 175-188, 2011. Disponível em:  
<[http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011\\_01\\_11.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_01_11.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CARDINI, Franco. Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1-2, p. 9-16, 1996. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-1771996000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-1771996000100001)>. Acesso em: 12 jul. 2017

DE FARIA, Caio Alexandre Toledo. Onde Reina a Escuridão: a concepção do Diabo no imaginário medieval e sua construção visual. **Revista Trilhas da História**, v. 6, n. 11, p. 106-119, 2017. Disponível em:  
<[http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/1633/pdf\\_87](http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/1633/pdf_87)>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DE SOUZA ZIERER, Adriana Maria. O Diabo e suas múltiplas imagens nas iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (século XV): alguns exemplos. **Revista Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 12-35, 2016. Disponível em:  
<<http://www.redalyc.org/pdf/1933/193346401003.pdf>> . Acesso em: 12 jul. 2017

FERRAZ, Salma. Os marginais na Bíblia: Lúcifer e Madalena. In: **Revista Estação Literária**, Londrina, Vol. 12, p. 143-164. jan. 2014. Disponível em:  
<<http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/90/72>>. Acesso em: 12 jul. 2017

FELDMAN, Sergio Alberto. A presença do Diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. **Fênix: revista de história e estudos culturais**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 1-14, abr.-jun. 2007. Disponível em:  
<<http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/ARTIGO.8.SECAO.LIVRESergio.Alberto.Feldman.pdf>> . Acesso em: 12 jul. 2017

LOUREIRO, Klítia; SCARAMUSSA, Ziza. O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV). **Mirabilia**, n. 2, p. 202-223, 2002. Disponível em:  
<[http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002\\_14.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002_14.pdf)> . Acesso em: 12 jul. 2017

OLIVEIRA, Terezinha. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 21, p. 175-185, 2008. Disponível em:

<<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4205/2870>>.  
Acesso em: 09 set. 2017.